

Sofie Hrumtie

AS AVENTURAS DOS CUMBRÉCOS E GÁMICOS. OS RECUPERADORES DE TESOUROS.

A equipa de autores agradece calorosamente à encantadora Viktoriya Semenova pela tradução do livro para português.

Capítulo 1: O encontro com os gámicos.

Num Verão, à beira de uma floresta aconchegante, passado pelo rio Puff-Puff, o bonito nariz negro de alguém espreitou de um matagal de relva.

O nariz cheirava cautelosamente, depois apareceu toda a face do habitante da floresta. O animal franziu as suas sobrancelhas peludas. Parecia um hamster, um gopher, um esquilo, e todos os roedores juntos. Se algum humano o visse, gritaria imediatamente de surpresa, pois era um membro dos gámicos, um animal raro que quase ninguém conhece.

O gámico ajustou os seus óculos com a sua pata. Sim, os verdadeiros óculos! Tinha-os encontrado uma vez debaixo de um carvalho velho e, desde então, pensava ser o mais inteligente da aldeia, embora não fosse assim. Vestia uma camisa amarela e calças cor-de-laranja, das quais saía uma grande cauda fofa com uma borla na ponta. O nome desse bonitão era Fuksías.

O animal abanou as sobrancelhas uma vez mais e subiu agilmente pelo tronco do pinheiro.

– Que coisa! Olha, Chupías! – exalou ele entusiasticamente enquanto olhava para a clareira.

Um outro gámico, também vestido com roupas brilhantes e também com uma cauda fofa, saltou para o lado do Fuksías.

O Fuksías e o Chupías olhavam com entusiasmo na direcção das pessoas que descansavam na clareira. Eles estavam a olhar para o brinquedo, um carrinho de plástico que estava nas mãos do menino.

– É um verdadeiro monstro, não um carro ! – o Chupías até pulou.

– Quem me dera que tivéssemos um ! Não teríamos de carregar o tesouro nas nossas costas, não é ? – disse o Fuksías sonhadoramente.

De repente, a menina passou pelos gámicos, esmagando as flores e tapando o sol, e eles tiveram de se esconder.

Havia quatro pessoas ao todo na clareira: o pai, a mãe, o menino chamado Victor e a menina chamada Sofia.

O pai pescava, a mãe lia um livro e as crianças faziam o que normalmente as crianças da sua idade costumam fazer na natureza: brincar com brinquedos, correr na floresta e fazer muito barulho.

A Sofia era uma menina amigável, muito afeiçoada à natureza e aos animais. Por esta razão, pedia frequentemente aos seus pais um cão grande, de preferência mais do que um. Pelo menos dois, ou até mesmo seis. Mas a família vivia num

pequeno apartamento, e os cães teriam de ser passeados pelo menos duas vezes por dia, alimentados muito, tinha que ser limpo o pêlo deles... e não apenas o pelo, lavar as patas e fazer as vacinações. A Sofia tinha assegurado aos pais que faria isso tudo sozinha, mas os seus pais sabiam exactamente quem o ia fazer, e certamente não seria a Sofia. Assim, encontraram uma saída – por agora, deram à menina um peixe, um hamster e um papagaio.

"Se conseguires tomar conta deles, então pensaremos num cão" — disse a mãe ao entregar os animais à menina encantada.

Hoje apenas o hamster foi passear com eles, enquanto o papagaio foi deixado em casa. A Sofia colocou a gaiola com o animal de estimação junto à água.

– Olha que bonito, Homka ! – exclamou a menina, voltando-se para o hamster.

– Sim, inacreditável, – pensou o hamster sem muito entusiasmo, – mal posso esperar para voltar à casa.

O Hamster Homka era um animal doméstico, e o seu encontro com a natureza selvagem, desconhecida e imprevisível não foi um encontro de excitação. Aliás, foi mais como uma preocupação inexplicável.

– Fica aqui a apreciar a natureza, enquanto eu brinco – a Sofia encantou o animal e fugiu, saltando de forma engraçada. O hamster olhou fixamente para ela e ficou sozinho.

– Apetece-me um pouco de queijo, – dizia algo na sua cabeça. Mas não havia queijo.. Tendo-se habituado à ideia de que nem todos os sonhos de animais podem tornar-se realidade, o hamster olhou para a água durante algum tempo, aborreceu-se, deitou-se de costas e começou a rodar a roda na gaiola preguiçosamente com as suas patas traseiras. Mas o queijo recusava-se de deixar os seus pensamentos.

Pouco depois do meio-dia, após verificar novamente a isca nas varas, o pai olhou para cima e reparou que uma pequena nuvem se aproximava e seria uma boa ideia começar a fazer as malas e voltar para a cidade, para não se molhar à chuva. Também não estava a conseguir apanhar nenhum peixe. Mas que tipo de pai deixaria a natureza por causa das coisas tão pequenas? Mas a nuvem, a nuvem é uma coisa grave. As crianças concordaram relutantemente que a nuvem era algo grave e todos começaram a fazer as malas. O Victor e a Sofia arrumaram os seus brinquedos, os seus pais arrumaram as suas coisas e carregaram-nas para o carro.

– Papá, não consigo encontrar o meu camião! – disse o menino perplexamente e começou de novo a vasculhar a relva e a olhar para os arbustos.

– Estás uma confusão! – a sua irmãzinha riu-se alegremente e continuou a recolher as suas bonecas e os peluches.

– Não estou confuso com nada, lembro-me de o ter colocado algures.

– Devem ter sido os cumbrécos que o esconderam! – disse a mãe a brincar, pegando na toalha de mesa e piscando o olho ao pai.

– ...ou os gámicos ! – O pai pegou nisso alegremente, brincando juntamente com a mãe. O pai tinha pressa em partir antes de começar a chuva e estava ansioso com essa brincadeira.

– Que gámicos? – murmurou o menino, rastejando de joelhos e espalhando a erva com as mãos.

– Mamã, quem são os cumbrécos? – perguntou a menina, sacudindo os caules da erva da boneca.

– Os gámicos são pequenos habitantes da floresta, um pouco maiores do que os hamsters normais, daí o nome – gámicos ! – disse o pai.

– O que é que os gámicos fazem e onde é que vivem? Como é que são? – o menino estava interessado e deixou a procura do carro por um momento.

– Eles vivem na floresta, poucas pessoas os viram, mas dizem que são uns animais peludos com caudas como as de um esquilo e com pincéis nas pontas das orelhas, – respondeu o pai.

– E os gámicos roubam sempre tudo o que está mau posto ou esquecido pelas pessoas, – acrescentou a mãe.

– O gámico comum parece um hamster ou um gopher, veste calças e camisa, fala línguas humanas e de animais, é uma personagem de contos de fada, – o pai colocou o cesto com o resto da comida no carro e fechou a porta.

– E quem é o cumbréco? – lembrou-se a menina da sua pergunta.

– Um cumbréco é o mesmo que um hamster, mas de uma tribo diferente, – acrescentou a mãe, – os cumbrécos também roubam as coisas das pessoas e recolhem quaisquer pertences deixados para trás ou objetos esquecidos.

– E onde podemos ver os gámicos e os cumbrécos? – o Vitor já não estava à procura do seu carro, mas ouvia atentamente a história dos seus pais.

– Em lado nenhum ! – respondeu o pai.

– Como assim, em lado nenhum? – o menino olhou à sua volta em busca do seu camião de brincar e foi em direcção ao carro, desapontado.

– Em lado nenhum, – explicou a mãe, enquanto se abanava e dobrava a toalha de mesa, o que significa que os gámicos e os cumbrécos são apenas personagens de conto de fadas inventadas e não existem na realidade.

– É que quando alguém perde algo e não consegue encontrá-lo, para não assumir a responsabilidade, dizem que os cumbrécos ou os gámicos o roubaram, – ri o pai.

Os gámicos, que estavam sentados perto na relva e ouviam tudo, ficaram chocados com as palavras das pessoas.

– Roubaram?... Tiraram...? Ah? O Chupías até começou a soluçar de perplexidade.

O pêlo denso das suas costas tornou-se cinzento acastanhado, castanho escuro dos lados, e branco na sua barriga.

– Não tenho palavras, – murmurou ele através da sua pata e suspirou com tristeza. Ele tirou a pata do rosto e reparou numa gaiola junto à água. Uma criatura, muito parecida com um hamster, estava deitada de cabeça para baixo na gaiola, com um ar bastante infeliz.

O gámico chegou à gaiola aos saltinhos, escondendo-se na folhagem, na relva e fundindo-se com os solavancos no chão.

– Psst, psst, psst ! – chamou ele o hamster, tocando nas barras com as patas.

– Quem está aí ?! – o hamster regressou do mundo da fantasia à realidade, ao ouvir um som estranho. O hamster viu um animal selvagem de calções a olhar para ele a partir do exterior da gaiola.

– Quem és tu? – perguntou o gámico.

– Sou o Homka, – respondeu o hamster calmamente, a sua boca secou, e ele sentiu uma excitação estranha do seu encontro com a vida selvagem. "Eu devia ter ficado em casa", dizia o hamster na sua cabeça, escondido debaixo da cama da Sofia. " Pronto, estou feito agora... Vou ser comido... Rosinha, quero que saibas que te amei, apesar de nem sempre o ter mostrado."

– E eu sou o Chupías, – respondeu o gámico com uma voz amigável e estendeu a sua pata dentro da gaiola. – Vamo-nos cumprimentar com as patas!

"Agora ele vai agarrar-me e arrastar-me! Oh não, oh não, o que é que eu faço?" – atravessou à cabeça do hamster congelado.

– Então ? – disse o gámico impacientemente e abanou a pata.

– Beee! – o hamster pôs a língua de fora, tapou os olhos, torceu as garras e fingiu estar morto.

O Chupías congelou com a sua pata estendida e olhou surpreendido para o hamster .

– O que tens? – perguntou o gámico.

O hamster conseguiu desempenhar o seu papel por mais alguns momentos, mas depois os seus nervos tensos falharam-lhe.

– Não me comam! – gemeu ele, abrindo os olhos.

– Hm, eu não ia fazê-lo, – respondeu o Chupías perplexo.

– A sério?

– Honestamente, – acenou o gámico com a cabeça.

– Ah, deverias tê-lo dito logo de início, pois assim o nosso encontro não começava com esta intimidação.

– Pois é, – acenou com a cabeça o Chupías intrigado.

– Eu sou o Homka, um hamster! – apresentou-se orgulhosamente o hamster, ainda deitado na sua barriga.

– E eu sou o Chupías, um gámico. O que estás a fazer aqui?

– Sonho com o queijo e tenho saudades da minha verdadeira casa, – respondeu o hamster de forma inteligente e significativa.

– Ah, e eu...

O Chupías não teve tempo de terminar a sua frase porque o menino aproximou-se muito perto da gaiola em busca do seu brinquedo.

– Eu vivo e trabalho aqui, mas tenho de ir ! Vê-mo-nos! – o Chupías acenou com uma pata e desapareceu nos arbustos mais próximos.

– Esperemos que não nas mesmas circunstâncias, – respondeu o hamster, massajando com a sua pata no seu coração palpitante, – é melhor vires visitar-nos!

Entretanto, o menino ainda estava à procura do seu carrinho.

– Filho! – a mãe chamou o Vitor. – Se não consegues encontrar o teu brinquedo, não faz mal – terás mais cuidado da próxima vez! Meninos, entrem no carro, está prestes a começar a chover!

O pai abriu as portas do carro e fez um gesto para que a família entrasse, depois pôs-se ao volante e ligou o motor. As crianças e a mãe entraram, sentaram-se nos bancos e fecharam as portas. O carro soltou uma nuvem de fumo e partiu na direção da cidade.

Assim que o ruído do motor cessou e o carro desapareceu de vista, a relva alta separou-se e o gámico subiu ao coto mais próximo, colocou a pata na testa e espreitou para a distância — primeiro para um lado e depois para o outro. O pequeno gámico não precisava de pôr a pata para ver melhor, ele conseguia ver muito bem, mas sabia deste gesto humano e fazia-o muitas vezes, imitando os humanos.

Quando ele teve a certeza de que o carro com as pessoas tinha partido e ninguém o podia ver, o gámico assobiou, e um outro gámico, semelhante ao primeiro, de calças cor-de-laranja e camisa amarela, emergiu da relva. Ele aproximou-se do coto e olhou com questionamento.

Capítulo 2: O Fuksías e o Chupías

O Chupías saltou do coto, e o outro animal tomou o seu lugar, olhando à sua volta de uma forma igualmente hostil.

– Ó Fuksías, os homens já foram para longe no seu carro motorizado? – olhando para o seu camarada, perguntou o Chupías.

– Uh-huh, já estão longe! Surpreende-me como as pessoas são ingratas e sem coração! Estamos sempre a ajudá-las e elas não gostam de nós! – gritou o Fuksías e espreitou do seu toco para a relva e os arbustos. A sua cauda fofa tremia de indignação.

– Nós, os Grandes Caçadores de Tesouros e Recuperadores de Valores, a Poderosa Tribo de Gámicos, temos vivido com pessoas durante muitos, muitos anos e temos devolvido sempre os objectos de valor perdidos, mas as pessoas ainda vêm qualquer um, incluindo nós, como a causa de todas as suas perdas e infortúnios, – disse o Fuksías.

O Fuksías era um animal educado e o seu vocabulário era enorme. Ele até usava óculos que tinha encontrado algures, há muito tempo, e todos sabem que os óculos são um sinal de inteligência.

– Sempre que as pessoas perdem algo, – continuou o Fuksías, – dizem que alguém o roubou.

– E na verdade, as pessoas estão apenas perdidas e confusas! – O Chupías acenou com a cabeça, dobrando as suas patas no peito.

– Exactamente! – concordou o Fuksías.

– Anda, vamos procurar as coisas perdidas! – O Chupías recordou ao seu amigo o propósito da sua visita à clareira.

– Quem são os cumbrécos de quem as pessoas estavam a falar? – lembrou-se ele subitamente.

– Não sei, nunca ouvi falar deles! – O Fuksías encolheu os ombros, caminhou até aos arbustos altos e densos e, grunhindo, empurrou para fora o carrinho que o menino tanto procurava em vão. O Chupías olhou para o seu amigo muito surpreendido.

– Fuksías, isto é incrível! Como sabias que o carro estava nestes arbustos? – questionou-se o Chupías.

– Ah... hm... eu... – o Fuksías hesitou, – eu só sabia que estava por aqui, algures nos arbustos.

– Foste tu que o poseste lá dentro? – adivinhou o Chupías, olhou à volta e pressionou a sua pata até à boca horrorizado.

– Sim! Sim, empurrei-o calmamente para os arbustos quando o menino se afastou! – respondeu o Fuksías de forma decisiva. – Não queria levar nas costas todas as coisas encontradas até a aldeia, pois é um longo caminho! E aqui está um veículo tão bonito que nos pode ajudar! – ao dizê-lo, acariciou o carrinho de brincar, que de altura chegava ao seu peito. Ele já previa como conduziria o carro até a aldeia, e as meninas de cabelos laminados a admirá-lo, suspirando e abanando os seus rabos-de-cavalo. E à noite podia levar uma menina bonita dar uma volta pelos jardins, ao riacho, para ver o pôr-do-sol... Vestiria as suas calças azuis e ficava todo bonito.

– Serei irresistível, – sussurrou o Fuksías sonhando.

– Mas isso é um roubo! – a voz do Chupías invadiu a sua fantasia. – Os anciãos tribais podem excluir-nos da procura de coisas perdidas! – gaseou o seu amigo.

– Bem... eh... simplesmente não lhes contamos sobre isso! – o Fuksías suspirou guilatinamente.

– Ai não vais contar? Que plano! – murmurou o Chupías, virou-se e partiu resolutamente para explorar a clareira onde as pessoas tinham descansado antes.

O Fuksías baixou a sua cabeça e a cauda e seguiu-o. Pouco depois, os amigos já esqueceram do que tinha acontecido, e estavam a colocar as coisas que tinham encontrado na parte de trás do camião.

Encontraram três moedas de diferentes denominações, um broche, um lenço e um rebuçado. Todos estes artigos foram carregados no carro, os doces foram comidos sem resíduos e o invólucro foi adicionado à parte de trás do carro.

Depois os gámicos empurraram o carro para o caminho da floresta e conduziram em direção à sua aldeia.

– Vrum-Vrum-vrum, – disse o Fuksías, imitando o som do motor em funcionamento. Pousaram o camião na colina, empurraram-no para cima, repetindo "phew, phew, phew", saltaram para dentro do carro e correram pela colina abaixo com canções e gritos alegres. Várias vezes o carro desceu para uma vala e para os arbustos, e uma vez até capotou, afugentando um velho corvo que estava a adormecer num ramo. Com gargalhadas de alegria, tendo sobrevivido ao acidente sem ferimentos, os amigos colocaram o camião sobre as suas rodas e continuaram o seu caminho para a aldeia. Uma hora mais tarde, estavam no local.

Capítulo 3. A aldeia dos gámicos

A aldeia do pequeno povo da floresta situava-se numa pequena ravina, protegida de todos os lados: de hóspedes não convidados – por grandes rochedos, de ventos – por colinas. A aldeia consistia em cerca de cinquenta pequenas cabanas, no total viviam cerca de duzentos gámicos. A estreita passagem para a aldeia era vigiada por dois ou três guardas de serviço, mas isto não era necessário – as pessoas não conseguiam encontrar a aldeia, e os animais da floresta viviam em amizade com eles ou simplesmente preferiam não se envolver com os gámicos barulhentos.

– Vrum..Vrum... – O Chupías e o Fuksías espremiam-se cansados enquanto se esforçam por levar o carro para a aldeia. Tinham estado a empurrar o camião de brinquedos durante a última meia hora porque a estrada perto da aldeia era muito sinuosa e desnivelada, pelo que estavam exaustos.

– Ainda não mudaste de ideias de ser um motorista? – perguntou o Chupías sarcasticamente ao seu amigo.

– Vrum... – respondeu o Fuksías com teimosia, empurrando o camião com as patas suadas.

– Segue sozinho, então! – o Chupías esbofeteou o seu amigo nas costas e caiu sobre a relva sem energia.

– Vrum-Vrum-Vrum.., – gemeu o Fuksías e empurrou o seu carro em direcção à clareira central.

– Acelera, acelera, senhor da estrada, – acenou o gámico, ainda deitado na relva.

O Fuksías continuou com as suas pernas trémulas. Todos olhavam para ele com simpatia, mas o Fuksías estava tão cansado que nem se apercebeu disso. Finalmente, tendo arrastado o carro para o centro da clareira, rastejou para traseira do carrinho, abriu as pernas para formar uma estrela, e ficou ali parado.

– O que é que trouxeram? – perguntou um gámico que passava com uma cartola preta alta na cabeça.

– Coisas valiosas, – disse o Fuksías com a língua desarticulada. Estava a começar a adormecer.

– Estou a ver. Onde arranjaste o carro?

– Porquê perguntas? – respondeu o Fuksías indiferentemente. Ele estava tão cansado que nem sequer sabia do que estava a falar.

– Vês, eu sabia que a tua consciência te ia perturbar, – disse o Chupías, que estava apenas de passagem, a caminho do seu alojamento.

– Pois..pois... – concordou o Fuksías sonolento e adormeceu imediatamente numa pose estrelada, roncando.

Quando o Chupías, de manhã, descansado, saiu da sua casa, os preparativos para a reunião dos gámicos estavam em pleno andamento na clareira central.

– Mamã, Mamã, o que vai acontecer na reunião? – perguntava um pequenote com interesse, enquanto caminhava com a sua mãe em direcção à clareira.

– O Fuksías roubou um carrinho, todos vão envergonhá-lo! – a mãe abanou a cabeça.

– Ai é? É assim tão rigoroso? – o Chupías coçou a pele na parte de trás da sua cabeça e dirigiu-se para a clareira.

Durante uma hora, na clareira central da aldeia, que serviu de ponto de encontro, os anciãos e todos os aldeões discutiam o mau comportamento de Fuksías. No meio da clareira estava o malfadado carro de brinquedo, e o arguido Fuksías sentou-se atrás dele com um olhar desalentado e um tom de saudade e tristeza nos seus olhos.

– Fuksías, que vergonha! – disse severamente um gámico de capa preta, longa peruca branca e um martelo de madeira na pata, actuando como presidente da reunião. Bateu com o martelo num pequeno tronco.

– O gámico Djumbo ofereceu-se para actuar como defensor do Fuksías! Conhecia-o toda a sua vida e assegurava que o Fuksías podia mudar e ser absolvido. Sim, – continuou o presidente, note que esta não é a sua primeira partida irreflectida e pernicioso!

– Verdade! – gritou alguém da multidão, — já era tempo de o reeducarmos!

– À terapia ocupacional ! – acrescentava outra voz.

– Temos que o mergulhar em resina de árvores e agulhas de pinheiro, – sugeriu o gámico de bigode preto. – E depois lavá-lo e enviá-lo para o bosque do norte para apanhar lenha durante uma quinzena!

– Acalmem-se! Silêncio! – o presidente bateu o cepo com o seu martelo. – Agora, vou continuar. O Honorável Grande Ancião e o Honorável Rei Klúpis é hoje o Procurador!

Houve alguns aplausos tépidos.

O rei Klúpis era o chefe entre os anciãos da tribo dos gámicos. Era suposto tomarem decisões colectivamente, o que significava que os mais barulhentos e gritalhões tinham sempre a última palavra, mas a Gloriosa Tribo de Gámicos, como eles próprios se chamavam, ainda era um reino florestal: tecnicamente o rei Klúpis era

o chefe de tudo. Era tão velho que só conseguia alimentar os pombos, acenar solenemente com a pata em desfiles, e proclamar brindes em festas gerais, onde adormecia com a cabeça apoiada no ombro de algum papão ou aconchegar-se contra o seu flanco quente e fofo após algumas bebidas de borbilhante e mel. O velho rei era justo à sua maneira, por isso a aldeia amava-o e mantinha-o como uma tradição antiga e doce.

Hoje, o velho Klúpis sentiu uma súbita explosão de energia, provavelmente influenciado pelo exercício matinal que vinha praticado há uma semana, e o evitar do café da manhã.

Sentindo a energia e o fervor juvenis, o Klúpis quis falar e especular, por isso quando soube do comportamento ultrajante do Fuksías, voluntariou-se para ser o acusador e prometeu mostrar justiça e ensinar as leis locais a todos. Ele estava de pé no círculo dos gámicos e, de vez em quando, movia-se excitadamente de lugar em lugar, apoiando-se no seu pau.

– A acusação tem a palavra! – o presidente proclamou, tocando o seu martelo.

– Não quero que as pessoas pensem que os gámicos são ladrões! – declarou o Klúpis solenemente, abanando o seu pau, que ele não chamava com outro nome que não fosse um bastão.

– Sim! Acertaste em cheio, Klúpis! É isso mesmo! – concordaram alguns dos animais.

– Há séculos que servimos as pessoas, encontrando e devolvendo coisas valiosas e até tesouros, e nunca roubamos nada! – continuou o rei. O Fuksías, já desalentado, ficou ainda mais desanimado com estas palavras.

– De qualquer forma, a minha sugestão é suspender o Fuksías de procurar objectos de valor durante um mês como inveterado arruaceiro!

O bando de gámicos murmurou, discutindo a proposta do rei.

– Eu dou a palavra à defesa! – o presidente da reunião anunciou e bateu o seu martelo.

– O Fuksías, claro, é culpado, – começou de forma graciosa o Djumbo, um gámico muito encantador e velho amigo de Fuksías. – E merecia um castigo, mas não tão severo! Afinal, o Fuksías confessou a sua culpa, está muito, muito arrependido e promete nunca mais fazer tais coisas! Não é verdade, Fuksías ? – perguntou o Djumbo.

O gámico culpado acenou e continuou a abanar a cabeça enquanto a sociedade de gámicos discutia inabalavelmente, em voz alta e ruidosa sobre a sentença a qual proferir. Alguns apoiavam o Klúpis, muitos apoiavam o Djumbo.

– Pára de acenar com a cabeça, ou ela em breve cairá, – o rei parou finalmente os movimentos de Fuksías. – Então, qual foi o veredicto da Grande Tribo de Gámicos ?

– Mergulha-lo em resina de árvores e... – começou o gámico com bigode.

– Oh, pára! – os vizinhos empurraram-no.

Um gámico redondo, com uma cara rechonchuda, saiu da multidão, abanou as suas bochechas, e, ganhando ar, anunciou em voz alta:

– A Grande Tribo decidiu suspender o Fuksías da procura de objectos de valor durante uma semana e dois dias!

– E ensopa-lo em resina de árvore! – o gámico com bigode falou novamente.

– Queres parar? – As pessoas à sua volta resmungavam com ele.

– Portanto, uma semana e dois dias de suspensão! – resumiu o rei. – O veredicto já foi proferido. Reunião encerrada! Obrigado a todos, estão dispensados.

O gámico de capa preta bateu com o martelo, colocou-o de lado, e abanou a pata cansado – o martelo era bastante pesado.

Os aldeões começaram a dispersar-se, discutindo o veredicto. Envergonhado, o Fuksías saltou do carro para o chão.

Os seus amigos deram palmadinhas no ombro de Fuksías, mas ele mereceu o veredicto. O gámico de carinha triste vagueava com a cabeça para baixo e as orelhas caídas. Um pouco mais tarde, ele e o Chupías entregaram as suas descobertas aos mais velhos e, tal como o resto da tribo, puderam descansar até de manhã. O Fuksías dirigiu-se para a casa dele, suspirando fortemente pelo caminho, lembrando-se de que não há muito tempo já tinha sido repreendido por má conduta que tinha resultado em que o rei Klúpis se magoasse, e o Fuksías tenha sido apelidado de "Schulbert".

Capítulo 4. A música e o Schulbert

A história do Schulbert foi esta. Um dia, o Fuksías e os seus amigos Djumbo e Chupías viajavam pela floresta em busca de objectos de valor perdidos. Foi um dia agradável, parecia ser um dia de folga ou mesmo um feriado para as pessoas, pelo que a captura de objectos de valor perdidos prometia ser grande. Os amigos não tiveram de vaguear por muito tempo, em breve viram, ou melhor, ouviram, um grande grupo de veraneantes. Os gámicos seguiram o som e espreitaram nos arbustos à beira da clareira, onde os artistas de um circo viajante estavam a ter um momento ruidoso e alegre. Brincavam, riam-se, dançavam e assavam algo numa fogueira. Sons bonitos e melodiosos estavam a sair de uma máquina invisível no porta-bagagens de um carro, e muitos dos campistas estavam a mover-se ao ritmo da música.

Os amigos sentiam-se à vontade, ouviam música e observavam as pessoas com interesse. E havia muito para ver! Um mágico entretinha os seus colegas operando um grande íman e acendendo uma chama com uma lupa grossa, concentrando um raio de luz solar em alguma superfície. Um palhaço fazia experiências com reagentes, produzindo estalos altos, pequenas explosões e fumos multi-coloridos. Um animador recitava belos poemas de livros e um acrobata borrifado de um extintor de incêndio, fazia uma festa de espuma.

O grupo divertiu-se durante muito tempo, e começou a arrumar as malas para voltar a casa só ao anoitecer. Todos estavam muito cansados e por isso arrumavam as coisas à pressa. Finalmente alguns carros, cheios de gente, deixaram a clareira, tendo começado com os gases de escape, e partiram em direcção à cidade.

Quando o fumo e o pó dos carros dissiparam-se e o ruído dos seus motores desvaneceu-se à distância, os amigos-gámicos viram que os campistas tinham esquecido um gira-discos, uma caixa com ímanes, uns reagentes, livros e um extintor de incêndio na clareira. Os gámicos conferiram brevemente e decidiram levar o gira-discos e todas as outras coisas para a aldeia, embora fossem bastante pesadas. Após uma longa e dolorosa preparação, que incluiu um treino, a construção de uma maca, um longo carregamento de coisas, e após uma viagem igualmente dolorosa, a pesada carga foi finalmente entregue na aldeia (após isso, aliás, o Fuksías começou a pensar num carrinho, e como isso acabou para ele, já nós sabemos). Os objectos de valor foram solenemente colocados no meio da clareira central. Toda a tribo de gámicos veio para ver a tecnologia milagrosa! O último a chegar foi o velho Klúpis.

Na sua cabeça estava uma coroa antiga, cortada de uma lata e esticada firmemente sobre o topo da cabeça. Tinha sido coroado uma vez, e desde então nunca mais conseguiu tirar a coroa – ela assentava firmemente na sua cabeça, como um anel de noivado num dedo gordo. No início não a quis tirar, e depois esqueceu-se que a estava a usar.

O rei usava sempre a sua coroa, e por isso, muitos gámicos já se tinham esquecido como era o Klúpis sem ela. Algumas das línguas más disseram que ele mantinha a coroa posta mesmo quando ia para a cama ou mesmo quando tomava banho. E um pequeno gámico assegurou que tinha visto o Klúpis a tirar a coroa uma vez, e ao olhar-se no espelho... não se reconheceu!

– Eh-heh-heh, – tossiu o Klúpis e mexeu com o seu bastão no dispositivo musical:

– Que tipo de máquina maravilha é essa? É um... eh... tractor? Ou hm... uma lâmpada de iluminação?

O rei Klúpis, embora velho, gostava de ostentar os seus conhecimentos de ciência e tecnologia e ostentava estes conhecimentos de todas as maneiras, mas nem sempre a tempo e muitas vezes da forma errada.

O Fuksías, o Djumbo e o Chupías correram à volta da plataforma giratória.

– Vamos mostrar-lhe uma atracção maravilhosa! Um espectáculo sem precedentes! – anunciou o Fuksías com uma voz de um animador experiente. Um nuvens carmesim distantes apareceram atrás dele e um pássaro assustado começou a gritar. O coração de Klúpis tremeu com uma má premonição, mas a curiosidade foi mais forte do que o instinto de autopreservação, e o velho rei decidiu ficar. A tribo, incrédula com o equipamento e a sorrir timidamente, em antecipação de um milagre, começou a aplaudir cautelosamente.

– Lançamento! – gritou o Fuksías e carregou no botão.

O gira-discos começou a rodar, e um assobio e depois um som crepitante veio do altifalante. A tribo, esticando o pescoço e prendendo a respiração, olhava fixamente para a máquina milagrosa. Os mais pequenos dos gámicos subiram às pequenas árvores nas proximidades e penduraram-se nelas, parecendo frutos estranhos.

– Não consigo ver nem ouvir nada! – o Klúpis meio-surdo aproximou-se do dispositivo e pôs a sua pata na orelha, escutando.

Provavelmente aproximou-se demasiado do íman ao lado do gira-discos, e o poderoso campo magnético atraiu subitamente a coroa, e a cabeça do Klúpis, ao mesmo tempo que a música animada explodia dos altifalantes.

Parecia um pouco estranho: a sua cabeça, que era irresistivelmente atraída pelo íman, mexia-se juntamente com a coroa para baixo e para o lado. Incapaz de controlar a força poderosa, sob os olhares desconcertados dos seus súbditos, o Klúpis resistia ferozmente, tentando endireitar-se. Virando os olhos freneticamente e ofegante de esforço, o velho rei tentou sair do alcance do íman. Mas a força poderosa não o largava, e a tribo ficou hipnotizada enquanto o Klúpis torcia as suas patas, tentando libertar-se. A música continuava a tocar alto, e do exterior parecia como se o Klúpis estivesse a dançar, agitando a sua varinha, movendo o seu corpo e ocasionalmente puxando a sua cauda, enquanto que com as suas patas rachava o chão ao som da música.

– Aparentemente, o velhote decidiu dançar uma farsa! – comentou alguém e aplaudiu com aprovação.

– Roda, velhote! Os reis são sempre jovens! – gritavam os jovens gámicos ao Klúpis, orgulhosos da agilidade do seu rei. A dada altura, os músculos do Klúpis falharam, e o velho rei foi forçosamente atraído para o íman.

Alguns dos animais estavam a começar a aperceber-se que algo estava errado com o Klúpis, e os mais corajosos correram para o rei. Ao som da balada de amor, o velho rei foi amarrado com uma corda e puxado para longe do íman com grande dificuldade.

O Djumbo e o Chupías saltaram para a mesa giratória para o parar, mas o disco de fiação apanhou e rodou os dois. Para evitar bater na alavanca da plataforma giratória, o Djumbo e o Chupías começaram a saltar sobre ela como cavalos de corrida sobre uma barreira. Finalmente o Chupías conseguiu parar a máquina, e o disco congelou no lugar com os seus últimos acordes.

O Klúpis levantou-se com um gemido e, pondo a língua de fora em exaustão, apontou o seu dedo ao Fuksías.

– Tu... hee-hee-hee... Como é que... hee-hee-hee-hee... Schulbert ! – o rei não conseguia recuperar o fôlego, e em aborrecimento chamou o Fuksías por uma palavra que soava como o nome de um famoso compositor. – Acabaram-se os espectáculos, Schulbert ! – finalmente exalou o Klúpis, ameaçou com a sua bengala e, cansado, cambaleou para a sua casa.

A tribo acompanhou o Klúpis com um olhar simpático. A partir desse dia, a dança selvagem executada pelo velho rei foi e ainda é lembrada pelos gámicos, e o Fuksías tem sido apelidado de 'Schulbert'.

Capítulo 5. Salvar o Homka

A semana da suspensão de Fuksías da procura de valores tinha começado. O Fuksías estava muito triste e aborrecido. Para que o seu amigo se sentisse melhor, o Chupías e o Djumbo visitavam-no frequentemente. No primeiro dia da sua suspensão os amigos falaram do Homka, o animal de estimação da Sofia.

– Ele era muito amigável, – dizia o Chupías, – mas, também, um pouco estranho. Ele convidou-me a vir visita-lo e disse que estava com saudades da sua verdadeira casa. O que será que ele quis dizer com isso?

– A floresta, claro! – disse o Fuksías : Ele é um animal, não é?

– É, – o Chupías e o Djumbo acenaram com a cabeça em concordância.

– Onde vivem os animais? – o Fuksías continuou a cadeia do raciocínio.

– Onde? – perguntaram os amigos.

– Na floresta!

– É isso mesmo, Fuksías! – concordaram os gámicos. – Brilhaste com a tua inteligência e erudição, como sempre!

– E dizes que ele é mantido numa gaiola? – perguntou o Chupías ao Fuksías, satisfeito com os seus elogios.

– Sim. E fazem-no correr em círculos numa roda. Que valentão!

– Então ele é um refém e está a ser intimidado! Temos de tirar aquele hamster do cativeiro! Ele merece a sua liberdade! – disse o Fuksías encorajado.

– Liberdade! – os amigos estavam prontos para ir na sua marcha de libertação. Após terem recolhido o equipamento necessário, regressaram à clareira onde se tinham encontrado com o Homka no dia anterior. Ficaram durante algum tempo junto ao rio, no local onde a gaiola se encontrava. O Chupías, com o seu nariz sensível,

apanhou o aroma subtil mas penetrante do hamster no ar, e eles seguiram-no com uma corrida ligeira na direcção da cidade. O trilho perdia-se várias vezes, mas o Chupías encontrava-o novamente e quando as primeiras estrelas foram acesas no céu, os amigos já tinham chegado à cidade. Havia muitos cheiros novos e desconhecidos no ar, mas o rasto do Homka tornou-se mais claro.

– Sigam-me! – o Chupías conduziu-os com confiança. Eles vestiram uns calções pretos e puseram a graxa de sapatos na cara para se misturarem com a escuridão da noite. Silenciosamente deslocavam-se na escuridão, espreitando através de caleiras e becos desertos. Finalmente os gámicos chegaram a uma bela casa de dois andares.

– Pronto! – o Chupías espetou a sua pata na janela aberta do primeiro andar.

– Liberdade! – começou a gritar o Djumbo, mas o Fuksías pôs a sua pata sobre a boca dele.

– Do que está a falar? Estamos numa emboscada, é uma missão secreta de libertação!

– Ah, desculpa, – respondeu o Djumbo, confuso.

O trio furtivo aproximou-se do edifício de dois andares.

Os gámicos desataram as cordas com ganchos presos a elas e prenderam-se ao peitoril da janela do primeiro andar. Subiram as cordas até janela, rápida e habilmente. Uma vez lá dentro, ao luar, viram uma grande gaiola com um berço e um hamster a dormir docemente sobre ele. Do outro lado da sala havia outra gaiola com um papagaio, e um grande aquário com peixes junto à parede. O papagaio olhou de frente para os convidados. O Djumbo pôs o seu dedo a frente da boca.

– Quietos, pássaro! Não tenhas medo, nós também te salvaremos!

Os dois gámicos desceram numa corda do peitoril da janela para a sala, o Fuksías e o Chupías abriram a gaiola do Homka e moveram silenciosamente o hamster para o cobertor que trouxeram com eles. O hamster estava a ser levantado nas cordas até à janela aberta quando acendeu-se a luz do lado de fora da porta e começaram a ser ouvidos os passos de alguém.

Os amigos apressaram-se a sair. Com as suas patas rapidamente sobre a corda, o Djumbo aceitou a carga no parapeito da janela e agitou indelicadamente o cobertor com o hamster ao seu lado.

– Queijo, – murmurou o Homka durante o sono e rolou para o outro lado com um doce bocejo.

O Fuksías e o Chupías já tinham subido ao parapeito da janela, e os passos do lado de fora da porta tornaram-se mais altos.

– Voltaremos por ti, pássaro! E por vocês, peixinhos em cativeiro! – o Djumbo tranquilizou os "prisioneiros" e, com um punho cerrado, exclamou: "Liberdade!"

Com estas palavras, os gámicos atiraram o cobertor com o Homka da janela para baixo e saltaram atrás dele.

– Liberdade, – respondeu o papagaio Rosinha com um aceno de cabeça perplexo. Os peixes do aquário não encontraram nada para dizer e ficaram atordoados com o silêncio.

O cobertor com o hamster parou apenas à um fio de cabelo do chão, pendurado nas cordas e balançando. Os gámicos desceram ágilmente, puxaram as cordas, e arrastaram o cobertor para trás deles. Não quiseram acordar o Homka, e planearam trazê-lo à razão apenas na floresta, fazendo uma agradável surpresa para o animal – adormecer em cativeiro, e acordar na sua verdadeira casa.

À luz da lua, atingiram a orla da floresta. Depois de acordar o hamster, os amigos prepararam-se para lhe contar da sua tão esperada liberdade.

– Acorda, amigo! – o Fuksías esfregou o hamster no ombro.

– Estás fora! – anunciou o Chupías, orgulhoso de si próprio e da sua ação.

– Liberdade! – gritou o Djumbo de todo o coração e saltou de alegria.

– Huh? – perguntou o hamster sonolento, limpando os seus olhos com as patas, "o quê?

O hamster esticou-se e bocejou, viu os gámicos, olhou à sua volta, e ficou espantado.

– Onde estou eu?! Quem são vocês?! Onde está a minha gaiola?! – guinchou o hamster.

– Não te preocupes, nós tiramos-te de problemas! – o Fuksías começou a tranquilizá-lo.

– Agora estás salvo! – disse o Chupías, concordando.

– Corre, meu amigo! És tão livre como o vento no campo! – proclamou o Djumbo solenemente e apontou com a sua pata para a escuridão profunda da floresta. Ao longe, houve um uivo monótono de um lobo.

– Correr?! – perguntou o Homka interrogativamente. – Correr para onde, porquê correr?!

"Vão levar-me para a floresta e comer-me", – dizia Homka na sua cabeça. – Adeus, Rosinha! Mas não desistirei sem lutar, não me podem levar com as vossas patas! – pensou o hamster heroicamente.

– Corre para a floresta, para a tua verdadeira casa! – repetiu o Chupías benevolmente. – Disseste que estavas com saudades de casa. Lembras-te da clareira junto ao rio? Eu sou o Chupías, lembras-te agora?

– Oh-oh-oh, — gemeu o Homka, enrolando as patas à volta do focinho, a minha verdadeira casa está no apartamento! Foi quando eu ansiava por isso!

– Pensávamos que eras um prisioneiro! – o Fuksías ficou surpreendido. – Pensámos que estarias salvo na floresta.

– Salvo?! À noite, no meio da floresta?! Estou prestes a ser comido por animães!!! Nem sequer vai sobrar uma alça dos meus calções!!! – guinchou o hamster freneticamente.

O hamster começou a ter aquilo a que as pessoas frequentemente chamam um ataque de birra ou pânico. Os gámicos começaram a acalmá-lo de todas as maneiras possíveis, e acreditem, foi preciso muito esforço para o fazer.

Eventualmente os amigos conseguiram acalmar o Homka e ele contou-lhes a sua história de vida.

O hamster foi domesticado por humanos quando era bebé, e desde que se lembra, viveu numa gaiola. Sofia, a rapariga que tomava conta dele, era gentil e muitas vezes mimava-o com guloseimas. Também na sala, junto com hamster, vivia um papagaio Rosinha, que ele adorava, e os peixinhos silenciosos que viviam num aquário. O hamster estava muito feliz com a vida e não queria mudá-la pelo destino de um animal selvagem e acidentado da floresta.

– Amigos, aprecio muito a vossa preocupação por mim, mas peço-vos, levem-me de volta para casa! Os meus donos ainda estão a dormir e se eu estiver na gaiola pela manhã, ninguém vai notar a minha ausência! – pediu o hamster aos seus novos amigos.

Após um pesado suspiro, os amigos caminharam com o Homka de volta à cidade e chegaram lá por volta da meia-noite.

Mais uma vez os ganchos de metal agitaram-se no parapeito da janela, mais uma vez o Fuksías e o Chupías subiram até ao primeiro andar, enquanto o Djumbo, que ficou por baixo, amarrou uma corda à volta da cintura carnuda do Homka e os gámicos lá em cima começaram a levantá-lo. O hamster, devido à sua vida demasiado confortável, sem esforço físico, não conseguia subir as cordas. O Homka foi rapidamente arrastado para cima, e os seus amigos levaram-no para a sua gaiola.

A Rosinha, saudou-os com um olhar calmo, já não estava surpreendida de todo naquela noite.

– Desculpa-nos, hamster! Desculpa-nos, passarinho! – disse o Chupías tristemente, chateado com o salvamento falhado.

– Sim, Homka, nós exagerámos, pensámos que estavas preso aqui! – concordou o Fuksías desanimadamente.

– Pensávamos que estavas em cativeiro, queríamos dar-te a tua liberdade! – acrescentou o Djumbo.

– Amigos! Vejam a minha vida! Não é algo para ficar feliz? – exclamou o hamster e acendeu uma pequena lâmpada na gaiola.

O Fuksías, o Djumbo e o Chupías ficaram atordoados com o luxo sem precedentes de ter a casa mais confortável que alguma vez poderiam sonhar.

A gaiola tinha um pequeno sofá, uma poltrona, um guarda-roupa, um espelho, um lavatório, uma passadeira, e até flores em pequenos vasos no chão. Havia imagens de paisagens penduradas nas paredes, e toda a gaiola parecia um pequeno apartamento acolhedor. O Fuksías, o Djumbo e o Chupías gaseavam de prazer: Claro que o Homka não gostaria de trocar tal vida por uma vida florestal selvagem.

– Tenho tudo na minha vida! – disse o Homka. E ele suspirou após um momento: – Excepto o meu primeiro amor – Busia.

O Hamster suspirou novamente e mostrou aos seus amigos uma fotografia de uma bela hamster com uma saia e asas atrás das costas.

– Um dia a Busia viu um avião com o nome "Airbus" escrito nele e decidiu que também ia se chamar Airbusia, fez umas asas para si própria, e não a vemos desde então... – Terminou tristemente e apontou para um grande cartaz na parede, que mostrava um belo avião branco-neve com uma inscrição vermelha e brilhante – Airbus.

Eles sentaram-se no sofá durante algum tempo, fazendo uma pausa, mas era tempo de voltar para a floresta. Disseram adeus e estavam prestes a saltar pela janela novamente quando o Homka os deteve.

– Agradeço a vossa preocupação com a minha pessoa e não quero que se vão embora tristes. Meus irmãos da floresta, decidi mostrar-vos um espectáculo de circo como um adeus! – declarou o hamster.

– Um espectáculo? – perguntou o Fuksías cautelosamente.

– Sim, um espectáculo! – o hamster acenou alegremente, abanando as suas bochechas.

– O último espectáculo que vimos terminou... de forma bastante ambígua! – hesitou o Djumbo.

– Oh, não te preocupes, tudo vai correr bem! – tranquilizou-os o Homka.

O hamster tirou um chapéu pontiagudo e uma capa com estrelas do armário, vestiu a roupa, e depois ligou um pequeno gramofone. A música começou a tocar.

– Aaap! – exclamou o Homka em voz alta, como um domador de animais de circo.

Com estas palavras a Rosinha enfiou a pata fora da gaiola, abriu a fechadura da porta, voou para fora e sentou-se no poleiro junto ao hamster.

– Aaap! – comandou o Homka novamente. E o papagaio voou para o outro poleiro.

– Para cima! – e a Rosinha fez um salto.

O hamster voltou a gritar “Para cima!” – e os peixes saltaram do aquário, fazendo uma volta no ar, e mergulharam de novo na água.

Foi tão bom que o Fuksías, o Djumbo e o Chupías começaram a rir alegremente e a aplaudir alto, esquecendo-se da sua tentativa falhada de salvar o hamster.

Os amigos riram-se em particular do truque em que o Homka punha um balão no seu bolso e depois, após uma leve pancada, tirava o balão da sua boca. Durante muito tempo o Homka mostrava truques diferentes, divertindo os amigos, e quando chegou o momento de dizer adeus, os habitantes da floresta não quiseram partir – gostaram tanto. Mas não havia nada a fazer, era tempo de ir para casa. O Homka abraçou os seus novos amigos e desejou-lhes tudo de bom. O Fuksías, o Djumbo e o Chupías convidaram uma vez mais o Hamster a visitá-los e desenharam um mapa do caminho para a sua aldeia. Depois de se despedirem e se encontrarem de volta à orla da floresta, os gámicos concordaram que a tentativa falhada de salvamento valeu o espectáculo de circo. Muito depois deste incidente, os gámicos divertiam os seus amigos tribais com vários truques de circo vistos na visita ao Homka. Uma vez o Chupías engoliu uma bola durante um truque, e todos ficaram muito assustados. Após este evento, os gámicos tiraram conclusões e agora tentam colocar objectos estranhos na boca o mais raramente possível.

Capítulo 6. Os tesouros dos gámicos.

Foi um dia difícil, longo, mas bem sucedido para os gámicos-exploradores. O Chupías, o Fuksías e o Djumbo levantaram-se ao amanhecer e vaguearam pela floresta, apanhando objectos de valor perdidos por todo o lado, até que o céu ao longe se tornou laranja e a enorme bola de sol começou a afastar-se lentamente atrás das árvores altas do oeste.

Os sacos de ombro do Chupías, Fuksías e Djumbo foram enchidos até à borda com artigos encontrados.

– Para a aldeia? – perguntou o Djumbo, limpando com pata húmida a sua testa.

– Claro, — respondeu o Chupías, — temos que secar os calções.

Os três amigos viraram-se para a aldeia dos gámicos e cambalearam em direcção ao caminho, deixando marcas de patas na relva grossa. Demoraram um quarto de hora a chegar lá. Depois de passarem os guardas à entrada da aldeia e caminharem ao longo da rua principal, os amigos chegaram à casa do Klúpis. O rei estava sentado no alpendre, embrulhado numa manta, com um termómetro debaixo do braço, e a beber algo quente de uma chávena. O velhote não parecia estar bem.

– A quem devo entregar os objectos de valor, chefe? – perguntou o Chupías, subindo ao alpendre e deixando cair o saco do seu ombro.

– Bom, porque não levam ainda hoje todos os tesouros para a loja de penhores, é que eu não me sinto bem, — respondeu o Klúpis com uma voz rouca. — Os anciãos tesoureiros estarão à espera; estão no trabalho desde manhãzinha.

O armazém com objectos de valor os gámicos chamavam – “loja de penhores”, uma palavra estranha. Eles sabiam que as pessoas nas cidades levam frequentemente os seus objectos de valor às lojas de penhores, e pensavam que era o local mais seguro para os guardar. À imitação dos humanos, os animais da floresta deram este nome à grande caverna subterrânea. Os apelidos para os tesoureiros locais eram Saco de Grana e Cenoura de Ouro, pois eles gostavam de repetir estas palavras tanto dentro como fora do contexto. Eram tão velhos e sábios como o Klúpis e muito responsáveis no seu trabalho, como poderemos ver em breve.

Os gámicos deixaram o alpendre do Klúpis, desejando-lhe uma rápida recuperação, e foram para a caverna onde estava guardada a tesouraria dos gámicos. A entrada da caverna situava-se numa colina alta, que protegia a aldeia do vento do norte. Os amigos cumprimentaram os guardas à entrada e desceram um longo e sinuoso corredor que passava debaixo da terra. O corredor conduzia a uma sala alta e larga.

Na sala, contra a parede, havia uma mesa, carregada de livros espessos, na qual estavam sentados dois velhos gámicos. Um era baixo e roliço, o outro alto e magro, com umas belas patilhas. Ambos usavam óculos.

– Um olá aos anciãos ! – disseram os gámicos.

– Olá, jovens benfeitores, trouxeram sacos de dinheiro, anéis brilhantes, senouras de ouro? – cumprimentou o alto Saco de Grana de uma forma amigável.

– Olá, – acenou com a cabeça o Cenoura de Ouro sem tirar os olhos dos livros. – O que é que trouxeram?

– Muitas coisas, – respondeu o Fuksías satisfeito, e os amigos começaram a despejar os objectos de valor que tinham trazido para o chão da caverna.

– Bom, vamos dar uma olhadela, vamos fazer um balanço e avaliar, – o Cenoura de Ouro tirou uma lupa da mesa e começou a escrutinar as peças.

– Caixa de papelão, uma! Corrente de prata, rasgada, uma! Jornal amassado, um! Pregadeira de metal, uma peça! Chocolate enrolado, mordido duas vezes, de lados diferentes, uma barra! – o Cenoura de Ouro listou os objectos de valor que tinha encontrado.

– Como é que está mordido? – o Djumbo e o Chupías lamentaram.

– A pois, está mesmo! Foi mordido e, a julgar pela impressão dos dentes, um dos dentes está danificado! – respondeu o Cenoura de Ouro indiferentemente. O Djumbo e o Chupías olharam para o Fuksías, pois era ele que tinha um dente danificado, ou melhor, um pedaço de dente partido.

– Apenas uma barra de chocolate com nozes e sultanas, tão deliciosa... – disse o Fuksías.

O Djumbo e o Chupías viraram-se em direcção ao Fuksías com a intenção de lhe dar uma bofetada, mas a Fuksías reparou numa pequena porta secreta e começou a virar para ela, tentando escapar a represálias. A porta era velha, abandonada e parecia misteriosa.

Os anciãos notaram este comportamento do Fuksías demasiado tarde.

– Párem, aí...! – gritou o Cenoura de Ouro.

O Saco de Grana olhou com horror mudo, deixando cair a sua lupa.

– Ah, o que é que disse? – o Fuksías virou-se para o som, mas depois o Djumbo e o Chupías, que estavam a alcançar o seu amigo, tropeçaram e caíram sobre o Fuksías, e todo o trio caiu na passagem. A porta fechou-se atrás deles, e a escuridão caiu.

– Há ali um labirinto abandonado! – O Saco de Grana continuou a gritar, mas não serviu de nada: a porta cortou-lhes do mundo exterior.

Na escuridão, os gámicos deram alguns passos em frente, depois para trás, mas não conseguiram encontrar a porta, por mais vezes que apalpassem as paredes do calabouço.

– O que é que vamos fazer? – perguntou o Chupías calmamente. Ele estava claramente assustado.

– Há aí algo que brilha, vamos para a luz. Vamos descobrir, – respondeu o Fuksías.

Caminharam pelo labirinto na escuridão, tropeçando sobre as teias de aranha que estavam por toda a parte. As teias de aranha estavam a cuspir e a esborrachar, e os gámicos gritavam e choravam.

– Imaginem, – disse o Djumbo pensativo, – e se repente há enormes aranhas, cobras e morcegos a viver aqui. Venenosos...

– Os morcegos não são venenosos, – opôs-se o Fuksías. – Quando ele saltar para a tua cabeça, então saberemos, – respondeu o Djumbo ominosamente.

– Aaaaaaaaah!, – gritaram os gámicos e correram através do labirinto.

Correram como uns furacões, mergulhando em curvas infinitas e afastando-se cada vez mais da porta. Finalmente, chegaram a um beco sem saída e pararam para recuperar o fôlego.

– Era um monstro, digo-vos eu! – guinchou o Djumbo, ofegante.

– Sim, eu também o vi! – concordou o Chupías.

– Não há lá nada!

– Ah, está bem, – o Chupías encolheu os ombros. – Vamos sair daqui. Onde estamos, a propósito?

– Penso que é um velho sistema labiríntico que se estende sob a nossa aldeia, – respondeu o Djumbo. – Deve haver várias saídas a partir daqui. Vamos encontrar uma em breve...

– Estou com sede, – queixou-se o Chupías. – Uma limonada caia tão bem.

– E eu estou com fome! – acrescentou o Djumbo.

Os amigos voltaram a correr sem sentir os pés. As voltas e os corredores sucederam-se. Logo quando o Fuksías pensou que tinha corrido o dia todo, de repente bateu nas costas do Djumbo e o Chupías atacou-o por trás. Os gámicos caíram.

– Para que é que paraste? – perguntou o Fuksías ao Djumbo, que estava deitado por baixo dele.

Mas depois olhou para cima e viu um raio de luz solar a entrar de uma fenda no tecto.

– Segurem-me e eu vou alargar a passagem, – sugeriu o Djumbo. Ele levantou-se, subiu nos ombros de Chupías e começou a penhorar a fenda. Pedacos de terra voaram para baixo, e depois o peito fechado desmoronou-se com um barulho de estrondo, abrindo aos gámicos o caminho para a luz.

– Olhem, o tesouro, – o Chupías ficou um pouco surpreendido.

– De onde é que ele veio? – interrogava-se o Fuksías. – Os nossos antepassados necrosaram toda a área há dois séculos atrás.

– Não importa, vamos levá-lo connosco, – disse o Djumbo. – Chupías, levanta-me.

O Chupías levantou o amigo para cima e o Djumbo voou para o túnel resultante. Ele agarrou-se a um parapeito, puxou-se para cima, e subiu para o túnel

que se abriu à sua frente. E foi parar à cozinha do rei Klúpis. No chão, junto à lareira de onde tinha acabado de sair o desgrenhado Djumbo, o neto de Klúpis estava sentado e a brincar com as pinhas.

– Bebé, onde está o avô? – perguntou o Djumbo.

– Saíram todos à procura de alguns gámicos perdidos no labirinto. Não há ninguém na aldeia.

– Mais alguém perdido no labirinto? – perguntava-se o Djumbo. – Essas pobres almas. Querido, passa-me a corda, por favor.

O neto do Klúpis trouxe uma corda e o Djumbo baixou-a para a passagem. A primeira coisa que os coleccionadores fizeram foi levantar o cofre para a superfície, e depois eles próprios subiram.

Estavam no meio da cozinha, espirrando e sacudindo-se, quando a porta da frente bateu e um momento depois, o Klúpis entrou na sala. O seu nariz estava vermelho e mal segurava uma compressa na cabeça.

– Oh, – disse o chefe, surpreendido. Temos estado à vossa procura em todo o calabouço!

– Já nos salvámos, – responderam os gámicos embaraçosamente.

– Avô, encontrámos um tesouro! – gabou-se o neto.

– Oh, esse é o meu primeiro cofre de tesouro, perdi-o há vinte e cinco anos algures, e estão a ver onde vocês o encontraram.

O Klúpis acariciou suavemente o cofre, atirou a tampa para trás, sentou-se no chão com o seu neto e começaram a olhar para os velhos tesouros. O Fuksías, o Chupías e o Djumbo limparam o suor das suas testas, beberam água e foram procurar todos os outros aldeões, para lhes dizer que foram encontrados e que já não havia necessidade de os procurar.

– Ei, rapaziada! – esguicheu-se para os rapazes o Klúpis. – Quando vão aprender a ouvir os seus anciãos? Não bastou a história de desobediência da semana passada?

Os gámicos suspiraram e cambalearam em direcção à saída, recordando a história de como tinham desobedecido aos mais velhos.

Capítulo 7. Como o Fuksías, o Chupías e o Djumbo desobedeceram aos seus anciãos

Um dia, o Fuksías, o Chupías e o Djumbo reuniram-se na praça principal da aldeia. O último estava a triturar uma maçã, o Djumbo estava a morder uma folha de relva, e o Fuksías estava ali parado com as patas nos bolsos dos seus calções, a pensar onde poderia arranjar um chupa-chupa.

De repente, um pensamento muito interessante ocorreu ao Fuksías.

– Amigos! Não percebo porque temos de depositar tesouros na nossa "loja de penhores" do tesouro, porque não levá-los directamente ao povo e dar-lhos para que possam ver quem os trouxe?

O Chupías parou de estalar por um momento e o Djumbo disse: "Porque foi isso que os mais velhos disseram para fazer, então é assim que deve ser feito!"

– Mas depois receberíamos muitas coisas boas das pessoas, e as pessoas elogiariam-nos! – o Fuksías não se deixou levar.

– Vamos ao rei Klúpis, ele de certeza que vai explicar tudo! – o Chupías finalmente terminou a sua maçã.

– Oh, vá lá, se ele começar, vai dar uma palestra até à noite! – queixou-se o Fuksías.

– É isso, vamos ao rei! Sem dúvida que ele nos contaria tudo! – encorajou o Djumbo o seu amigo.

Os amigos mudaram-se para a cabana do rei Klúpis, não ouvindo os grunhidos e queixumes de Fuksías.

Em frente da casa do rei Klúpis, os gámicos pararam e arrumaram-se, porque o rei não gostava de gámicos desleixados e podia bater levemente com o seu bastão, por descuido no vestido ou no penteado.

O Chupías bateu com o martelo da porta, e um minuto depois ouviu-se o som de chinelos de casa e tosse. A porta abriu-se, e na soleira estava o rei Klúpis. Ele estava com uma túnica velha, calções curtos, uma coroa de lata amassada na cabeça, e nas suas patas segurava um bastão – um pau comprido e torto.

– O que vos traz aqui, rapazes? – o rei sorriu afectuosamente para os gámicos. – Talvez as vossas mães me tenham enviado um pedaço de queijo doce ou um jarro de compota de morango?

– Não, Vossa Majestade! – o Chupías deu um passo em frente. – Precisamos dos seus conselhos!

– Bom, vamos aos conselhos então! – o rei ficou aborrecido e a tossir, abanando vigorosamente a cabeça, provocando o jingle da sua coroa. – Prefiro sentar-me em frente à lareira!

– Diga-nos, ó rei! Poderemos levar diretamente às pessoas os tesouros que encontrámos para elas darem-nos algumas guloseimas e para tornarmos seus amigos? – falou o Djumbo no mesmo fôlego, como se estivesse a preparar.

O rei Klúpis abanou a cabeça, suspirou e respondeu: "Há muitos, muitos anos que levamos os tesouros às pessoas. Não nos mostramos às pessoas e não nos gabamos de que fomos nós que encontrámos o tesouro. Não esperamos elogios, presentes e agradecimentos, porque então o nosso serviço às pessoas seria auto-serviço. Além disso, se vocês forem elogiados, será apenas em vosso detrimento, porque então cada gámico pensaria que é o melhor, e isso é sempre mau"! O rei Klupis olhou expressivamente para os gámicos, acenou com a sua pata e bateu com a porta.

O Fuksías, o Chupías e o Djumbo olharam um para o outro.

– Mas, ó rei!...! – tentou opor-se o Chupías, mas a porta estava fechada e não houve resposta.

O Fuksías mostrou a sua língua e virou-se para os seus amigos:

– Tenho uma ideia: vamos pôr à prova as palavras do rei, talvez devêssemos mudar as velhas regras. Se o rei estiver errado, toda a tribo nos agradecerá e nos elogiará!

– Não ouviste o rei a dizer que esperar, e ainda mais, pedir elogios aos adultos é prejudicial! – disse o Djumbo franzido.

– Sim, verdade, isso é uma parvoíce! – o Fuksías fez uma careta. – Vamos, sigam-me, estou a ver que estão apenas a acobardar-se!

Os gámicos encolheram, olharam um para o outro e correram para alcançar o Fuksías.

– Então, é assim! – o Fuksías fez um olhar conspiratório e virou-se para o Chupías: Vamos dizer aos teus pais que fomos brincar com o Djumbo às apanhadas, está bem?

Virando-se para o Djumbo, o Fuksías continuou:

– E aos teus dizemos, que nós fomos brincar à casa do Chupías! Os pais vão pensar que estamos sob a supervisão de adultos, mas entretanto vamos verificar as velhas regras!

Os gámicos espalharam-se em diferentes direcções e logo reuniram-se no mesmo local.

O Fuksías segurava nas suas patas uma corneta, um tambor, um broche velho, um pau torto e um lenço preto – a bandana. O Chupías olhou para todas estas coisas e perguntou:

– Para que precisas disso tudo?

O Fuksías explicou condescendentemente:

– Vamos levar este broche ao guarda-florestal e à sua mulher – encontrei-o perto do portão! Tu, Chupías, vais soprar a corneta, e tu, Djumbo, vais bater o tambor, vai ser mais divertido assim! E eu carregarei este pau com o lenço preto como se fosse uma bandeira! As pessoas vão ficar tão contentes!

O Djumbo olhou duvidosamente para o lenço preto com o crânio e ossos bordados em branco, e perguntou:

– Tens a certeza de que é uma bela bandeira?

O Fuksías olhou desdenhosamente para o seu amigo e respondeu:

– Claro que sim! Já vi muitas fotografias de pessoas a usar tais bandeiras! Vamos para a cabana do guarda-florestal!

Passado um minuto, o Fuksías, o Chupías e o Djumbo caminhavam pela mata, no caminho o Chupías estava a soprar a sua corneta, o Djumbo estava a bater no tambor com os seus paus, e o Fuksías trazia a bandeira preta e um broche velho. Um corvo, que estava sentado na árvore com um pedaço de queijo no seu bico, primeiro deixou cair o queijo e depois quase caiu do ramo de surpresa.

Ao mesmo tempo que os amigos apareceram perto da cabana do guarda-florestal, a dona de casa saiu à varanda para pendurar a roupa. Quando ouviu o rangido penetrante da corneta e a batida ensurdecadora do tambor, a esposa do guarda arfou de surpresa e deixou cair a bacia com a roupa.

A senhora olhou para a estranha companhia e ao ver a bandeira preta com um crânio e ossos, correu a gritar para a cabana. Um segundo mais tarde, um enorme guarda florestal barbudo com uma espingarda saltou para o alpendre e rugiu como um alce. Ao apontar, o guarda disparou e acertou na bandeira preta. O eixo partiu-se e o pano caiu sobre a cabeça do Fuksías. Os gámicos ficaram assustados e desataram a correr, mas o Fuksías, enrolado no pano, caiu no pó, seguido de Chupías e Djumbo. O guarda gritou novamente e disparou um tiro, mas atingiu um velho abeto, fazendo com que as agulhas e cones caíssem sobre os gámicos. Com uns gritos enormes os gámicos correram para casa, ultrapassando-se uns aos outros.

Os gámicos começaram a caminhar mais devagar já perto da aldeia e só depois discutiram o que tinha acontecido. O Fuksías espetou a sua pata em Chupías e exalou:

– A culpa é tua, Chupías! Estavas a soprar demasiado a corneta!!! Foi por isso que recebemos um acolhimento tão mau das pessoas!

– Eu?! O que é que isso tem a ver comigo?! – saudou o Chupías. – Desde o início que isto foi uma má ideia!

– Ai sim? Bem, então a culpa é do Djumbo! Bateu o tambor demasiado alto, quando deveria ter sido mais suave e mais macio! – continuou o Fuksías.

– O quê?! Não tens vergonha?! – o Djumbo ficou indignado.

Os gámicos estavam prestes a chegar à aldeia, discutindo e acusando-se mutuamente, quando de repente ouviu-se de cima o barulho de um velho corvo:

– Parem de discutir! Estão prestes a ser reconciliados! – sorridente, ele apontou a pata na direcção da aldeia. – Devem ouvir os seus anciãos! Começaram a brigar aqui, toda a floresta vos ouve, seus vermes, e em vez de fazerem algo útil, pensam em assustar os pássaros e os animais, já vão ver o que os vossos pais vos farão...

O corvo continuava a rosar e a enfurecer-se, mas os gámicos já não estavam a ouvir. O Fuksías, o Chupoks e o Djumbo olharam na direcção da aldeia, onde toda a tribo de gámicos esperava em silêncio pelos seus rebeldes amigos. O Fuksías, o Chupías e o Djumbo foram recebidos pelos seus pais. O rei Klúpis suspirou e sorriu tristemente, abanando a sua cabeça.

Capítulo 8. O encontro com os cumbrécos

Uma tarde de Verão, quando o castigo de Fuksías terminou, ele foi à caça do tesouro com o Djumbo e o Chupías. Os amigos deixaram a aldeia de manhã, bem cedo, mal amanheceu. Eles caminhavam pela estrada e cantarolavam a canção de busca que os gámicos muitas vezes cantam enquanto procuram tesouros. Mal saíram do caminho e mergulharam na floresta, os amigos pararam subitamente quando se viram face a face com três animais, muito parecidos com os gámicos, que arrastavam um carrinho com erva.

Os três animais eram meninas, a julgar pelas suas roupas e rabos-de-cavalo, e diferiam dos gámicos apenas pelos seus casacos mais escuros e caudas mais fofas.

Os gámicos, embora exteriormente bonitos, eram animais da floresta, e o seu instinto animal por guardar os seus bens acordava sempre quando encontravam estranhos perto da sua aldeia. Os aldeões não eram os únicos que tinham estado na aldeia durante alguns segundos, mas o Fuksías tomou a iniciativa e deu um passo em frente.

– Quem são vocês? – perguntou ele num tom ameaçador, olhando para os seus amigos em busca de apoio. O Djumbo e o Chupías também eram beligerantes, sulcando as suas sobranceiras e fazendo caretas sérias.

– Nós somos as cumbrécas! Da gloriosa tribo dos Cumbrécos, Senhores dos Campos, dos Rios e das Montanhas! – a mais alta das cumbrécas não ficou nada confusa. – O meu nome é Kvasulia, o dela é Kukvimba, e ela é a Mabasias. E vocês quem são ?

– Nós somos os gámicos! Os Grandes Caçadores de Tesouros e Recuperadores de Coisas Valiosas, a Poderosa Tribo dos Gámicos! Para onde vocês vão e o que transportam no carrinho? – o Fuksías olhou por cima do seu ombro.

– E por que razão devemos informar-vos? – observou razoavelmente a Mabasias.

– Iam à algum lado? Então sigam o vosso próprio caminho! – acrescentou a Kukvimba com uma ameaça na sua voz.

– Esta é a nossa terra e precisamos de saber quem anda por aqui e porquê! – declarou o Chupías.

– Têm algum documento que prove que esta é a vossa terra? – perguntou a Kvasulia sarcasticamente. A pergunta complicada apanhou os gámicos de surpresa.

As outras cumbrécas começaram a rir-se da piada da Kvasulia, que irritou os gámicos.

O Fuksías aproximou-se da Kvasulia e tentou tirá-la do caminho, mas a Kvasulia apenas vacilou, permanecendo firme e resolutamente no caminho sem dar lugar ao Fuksías.

– Ooh, rapaz, é melhor guardares as tuas patas para ti! – avisou a Kvasulia, arqueou uma sobrancelha, e sorriu, mostrando os seus dentes afiados. A situação no caminho da floresta foi-se tornando cada vez mais agitada.

A Kvasulia sentia-se bastante confiante, acreditando que tinha conhecimentos de combate corpo a corpo de um livro que uma vez tinha encontrado numa clareira. Era um manual, Defesa Pessoal Sem Armas, e Kvasulia lembrava-se bem das fotografias das pessoas vestidas de quimono. Ela sorria na expectativa da luta, enquanto a Mabasia e a Kukvimba bocejavam falsamente, cobrindo a boca com as patas, dizendo que já tínhamos visto antes lutas como esta.

O Fuksías empurrou a Kvasulia ainda com mais força, e foi imediatamente socado no nariz de uma forma dolorosa. Os seus olhos brotaram de lágrimas, e ele prontamente agarrou-se à pata que o tinha atingido. A Kvasulia guinchou e pulmou-se em Fuksías com olhos lacrimejantes, mordendo e arranhando-o. Os anos de treino duro, truques afiados e preparativos técnicos tinham ido para o lixo, e os habitantes da floresta tinham uma típica rixa animal com gritos, guinchos, pedaços de pêlo rasgados e peles arranhadas.

O Fuksías, o Djumbo e o Chupías regressaram à sua aldeia cerca de uma hora mais tarde – gafanhotos, com roupas esfarrapadas, feridos e arranhados.

A tribo de gámicos já estava habituada aos incidentes em que os nossos infelizes heróis se metiam com uma regularidade invejável, mas depois de ouvirem a sua história confusa, todos sentiram simpatia pelas vítimas e ficaram muito preocupados. Claro – animais desconhecidos que são muito parecidos com os gámicos, vagueiam pelo seu povoado e comportam-se de uma forma muito impudente! A tribo recorreu aos anciãos para obter conselhos. Os sábios chefes da aldeia estavam confusos, pois não sabiam nada de cumbrécos nenhuns, apenas o velho Klúpis grunhiu significativamente, abanou as pernas ao recordar a dança que tinha inventado no campo magnético, e apoiando-se na sua bengala, disse:

– Eu sei quem são.

A tribo intrigada, prendendo a respiração, reuniu-se num círculo à volta do velhote e abriu os ouvidos.

– Há muito tempo atrás, no tempo do avô do meu avô, a tribo dos Gámicos e dos Cumbrécos era uma só tribo, estávamos unidos. Nessa altura, não havia gámicos ou cumbrécos.

– Quem eram?! – a tribo inteira exalou em uníssonos enquanto se instalava confortavelmente em torno do seu amado rei.

– Eram orelhudos fofinhocos...– disse o Klúpis com tristeza. – Adoráveis e amáveis orelhudos...

– Orelhudos?! – um suspiro assustado passou pelas fileiras dos gámicos.

– Fofinhocos?! – sussurravam entre si os gámicos.

– Sim, sim... Acenou ele com a cabeça. – Esta tribo encontrava e devolvia tesouros às pessoas — era o propósito, a missão e o sentido da vida desta gloriosa tribo desde tempos imemoriais.

– Ninguém na tribo sabia ou se lembrava porque é que os orelhudos fofinhocos tinham de devolver objectos de valor ao povo, mas todos sabiam que tinham de o fazer. Era assim e ponto final! – a voz do Klúpis tremia de excitação. – Eram a consciência e a esperança da floresta: no frio mais rigoroso ou na fome, esta tribo amiga podia abrigar, aquecer e alimentar qualquer animal...

– E até mesmo um elefante?! – perguntou alguém em voz baixa.

– Ei, fica quieto!!! Que elefante?! Isto não é África! Tens de ser esperto! – havia indignação nas fileiras.

– Continue, Vossa Majestade, por favor! – pediu o Djumbo.

– E então, um dia, veio um mau momento para os orelhudos fofinhocos, – prosseguiu o Klúpis com um suspiro. – Tinha sido um ano mau: seco e tempestuoso.

A tribo inteira ficou estupefacta com a pilha de palavras desconhecidas que o Klúpis tinha acabado de inventar, mas ninguém ousou interromper o rei: ele podia facilmente levantar-se e ir embora, e depois teriam eles de ir procurar o interessante narrador.

– Naquele ano não havia comida na floresta: nem uma folha de erva, nem um cogumelo, nem uma baga, – o rei balançava de um lado para o outro com uma voz cantada. – Todos tinham fome: os lobos, os javalis, todos.

– E até mesmo os elefantes?! – alguém inseriu silenciosamente uma réplica com a mesma voz fina.

O rei olhou com severidade para a tribo e ficou em silêncio.

– Alguém me livre desse chato!!! Ele quer um elefante! Que tipo inteligente! – os animais à sua volta começaram a ficar indignados.

– Os orelhudos fofinhocos também passaram fome naquele ano: todos os mantimentos estavam esgotados, não havia cereais no armazém, não havia objectos de valor na loja de penhores. – Estavam preticamente condenados a morrer à fome.

A tribo congelou e susteve a respiração após as últimas palavras. Até o pica-pau na árvore parou de bater e olhava com receio.

– Foi naquela precisa altura que um certo Scumbrias se apresentou subitamente e declarou que os gámicos não tinham qualquer intenção de pôr os dentes na prateleira, pelo que abandonavam a tribo e já não deviam transportar tesouros para o povo! Qualquer pessoa que o desejasse seguir podia fazê-lo! – O rei Klúpis suspirou e desviou o olhar por cima das cabeças dos gámicos.

Todos os gámicos viraram a cabeça em uníssonos na direcção do olhar de Klúpis, mas não viram nada e voltaram simultaneamente para o narrador.

– Depois de Scumbrias, cerca de um terço da tribo dos orelhudos fofinhocos partiu, e os restantes ficaram com o velho rei Gamicósios, o meu trisavô, – prosseguiu o Klúpis. – Desde então, todos os que foram atrás do Scumbrias têm sido chamados scumbrécos, e depois ficou o nome de cumbrécos. E aqueles que ficaram com na tribo com o Gamicósios chamavam-se gámicos. E então os animais discutiram e a tribo dividiu-se em duas partes. A parte que veio a chamar-se a si própria os cumbrécos tinha ido para algum lugar muito longe, e desde então não havia notícias deles. Desde então, nunca ninguém viu um cumbréco na floresta: nem raposas, nem águias...

– E até mesmo os elefantes?! – alguém interrompeu silenciosamente o rei com a mesma voz fininha.

– Quem é tão esperto?! Tirem daqui esse tipo esperto!!! Quantas vezes?! – a indignação da tribo atingiu o seu limite.

O rei Klúpis olhou para os gámicos, procurando o letrado amante do elefante e perguntando-se como melhor atirar-lhe o seu bastão, mas não conseguiu encontrá-lo e acalmou-se.

– E agora apareceram e, a julgar pelos hematomas de Fuksías, os cumbrécos são tão beligerantes como eram no dia da nossa separação, – o Klúpis terminou o seu discurso.

Os gámicos fizeram muito barulho depois das palavras de Klúpis, discutindo as notícias. Muitos, que eram particularmente agressivos, ofereceram-se para ir em busca dos infractores e vingar-se imediatamente. Mas o Klúpis, levantando subitamente a sua voz e batendo no chão com o bastão, mostrou porquê tinha sido eleito chefe há muito tempo atrás.

– Sugiro que não tiremos conclusões precipitadas. Os animais jovens lutam frequentemente para se estabelecerem e ganharem reputação, e penso que não preciso de vos recordar a capacidade do Fuksías para fazer barulho, confusão e fogo do nada. Da próxima vez que nos encontrarmos, na minha opinião, será melhor que todos nos comportemos de forma mais amigável e tentemos estabelecer contacto com os nossos parentes. Ainda assim, pergunto-me onde eles terão estado desaparecidos durante tantos anos e porque terão voltado.

Capítulo 9. O Homka e a Rosinha vêm para a aldeia

Algumas semanas após o incidente com os cumbrécos, os gámicos tiveram outra história invulgar.

Nessa manhã, assim que o sol iluminou a aldeia, o Fuksías despertou e começou a vestir-se. Fez a sua cama e saltou do albergue. Depois de bater à janela do Djumbo e do Chupías, o Fuksías chamou os seus amigos para fazer exercício. O Djumbo e o Chupías eram irmãos, o Fuksías também já teve um irmão e uma irmã, o Persías e a Pusia, mas há muitos anos desobedeceram à sua mãe e partiram sozinhos para a floresta para apanhar cogumelos e desapareceram. Os adultos procuraram por eles durante muito tempo, mas nunca foram encontrados.

– Acordem! Toca a levantar! – comandou o Fuksías. Em resposta, umas meias amassadas e gritos de "Desaparece!" e "Deixa-me dormir!" vieram através da janela.

Mas o Fuksías foi persistente e, depois de se esquivar a mais alguns objectos a voar à sua chamada, conseguiu acordar os seus amigos e levá-los para fora. O Fuksías apanhou os seus halteres favoritos e começou a fazer exercício. O Djumbo e o Chupías preferiram esticar-se por agora sem qualquer peso adicional. O Fuksías gostava muito dos seus halteres, enquanto o Djumbo evitava e temia os halteres de Fuksías. Num inverno, os halteres foram cobertos com uma bela geada, e o Djumbo decidiu provar esta deliciosa iguaria, que certamente iria parecer um chupa-chupa. Contudo, a geada acabou por ser bastante medíocre, e a língua do Djumbo colou-se imediatamente ao metal, e para salvar o pobre sujeito, os amigos tiveram primeiro de lhe puxar a cabeça, e depois deitar água a ferver da chaleira sobre o haltere e a sua língua colada a ele. Como resultado deste incidente, o Djumbo não conseguia falar durante uma semana e andou por aí com a língua inchada, e os outros gámicos

lembravam-se da história e por vezes até se riam dele, embora se pensarmos bem, não tenha sido muito engraçado.

Assim que os amigos começaram a fazer exercício, houve alguma comoção à entrada da aldeia dos gámicos. O Djumbo e o Chupías, abandonando o seu aquecimento, correram para lá, e o Fuksías seguiu-os, ansioso por levar os irmãos de volta ao seu treino. Ao aproximarem-se, os amigos viram que a multidão tinha rodeado dois velhos conhecidos, o Homka e Rosinha!

Os animais estavam com roupas esfarrapadas, pareciam muito cansados, e o Homka até tinha perdido peso.

– Homka! Rosa! O que aconteceu? Como vieram aqui? – perguntou o Fuksías surpreso.

– Água... – gemeu o Homka de volta. Foi-lhe imediatamente dado um copo com água para beber.

– Comida... comida... – Gemeu o hamster enquanto bebia. Um gámico deu-lhe uma maçã, outro deu-lhe uma pedaço de pão. Tudo desapareceu instantaneamente na boca do Homka.

– Queijo... – gemeu o hamster de novo.

– Conte-nos o que vos aconteceu! – interrompeu-o o Chupías.

– Oh, isto foi horrível! – queixou-se o hamster, caiu sobre a relva e começou a massajar o seu coração com a sua pata. O hamster, consciente de que iria desempenhar o trágico papel durante muito tempo, assumiu o papel de narrador depois de beber um pouco de água.

– Procurámos toda a noite pela vossa aldeia, percorrendo o caminho através da mata.

– O que vos levou a sair de casa? – perguntou o ancião Klúpis.

– É de partir o coração... – o hamster gemeu, sem entrar em detalhes, e pediu novamente um pouco de queijo, enquanto a Rosinha começou a explicar:

– Ouvimos a Sofia a pedir ao seu pai por um cão e os irritantes hamster e papagaio, ou seja, nós, levar a outro lugar, por exemplo vender ou dar à alguém. No início o pai tentou explicar que estes animais também são seres vivos e seus amigos, pelo que deveriam ficar em casa, mas a menina continuou a insistir e começou a chorar.

– Insuportável... – comentou o Homka, mastigando o queijo..

– Depois, à noite, decidimos simplesmente deixar a casa se os donos estão fartos de nós. E os peixes ficaram no aquário – não pudéramos leva-los, – resumiu a Rosinha com tristeza. – Vão aceitar-nos na vossa aldeia? – perguntou ela, com esperança.

– Claro que sim! Podem viver na aldeia o tempo que quiserem! – o Fuksías, o Djumbo e o Chupías guincharam alegremente e levaram os animais para casa do Fuksías.

O Homka tirou a sua coleira, na parte de trás da qual estava escrito com letra pequena: "Olá, o meu nome é Homka! Se estás a ler esta carta, estou perdido. Como não consigo falar em língua humana e não me consigo lembrar da minha morada, peço-lhe que contacte a minha dona Sofia : cidade da Liberdade, rua da Páz numero 7, e que me devolva. Recebereis certamente uma recompensa e ser-me-ão dadas bolachas deliciosas"! O Homka olhou para o colarinho, suspirou e atirou-o para os arbustos.

– Adeus, vida antiga. "As pontes estão queimadas e não há volta a dar"... – proclamou o hamster dramaticamente.

– Liberdade! – o Djumbo deu-lhe uma palmadinha no ombro de forma encorajadora.

A partir desse momento, o Homka e a Rosinha mudaram-se para a casa do Fuksías e tornaram-se como irmão e irmã para ele. Foi assim que os animais domésticos se transformaram em habitantes da floresta.

Capítulo 10. O Fuksías e os seus amigos a lavrar o campo

Alguns dias depois, bastante cedo pela manhã, despertado pelo ressonar do Homka e pelo assobio da Rosinha durante o sono, o Fuksías abriu os olhos e olhou fixamente para o tecto.

– Temos de fazer algo de bom hoje, – o pensamento passou-lhe pela cabeça. – Muitas coisas boas, – continuou o pensamento. O dia prometeu ser brilhante.

O gâmico ficou ali deitado a pensar no que poderia fazer.

– Tostinhas, – guinchou o Homka durante o sono, e rolou de um lado para o outro. A mente do Fuksías vagueou. Ele vestiu-se, fez a sua cama e partiu para a sua rotina habitual de exercício. Decidiu não envolver o papagaio nem o hamster no exercício, porque o Homka disse que estava extremamente exausto, e a Rosinha já voava muito, por isso ela era magra e com asas robustas.

Mais uma vez esquivando-se de meias, chinelos e um vaso, mas mesmo assim acordando os seus amigos, o Fuksías começou a treinar e contou ao Djumbo e ao Chupías sobre o seu desejo de ser útil.

– E, claro, preciso da vossa ajuda, – acrescentou o Fuksías.

– Ah, – acenou novamente com a cabeça o Chupías.

– O que é que devemos fazer? – perguntou o Djumbo.

– No alto da floresta, perto do barranco, há uma pequena parcela de terra, e alguns camponeses estão a lavrar a terra com o seu cavalo e arado, – começou a explicar o Fuksías. – Vamos ajudá-los: quando saírem para almoçar, vamos terminar de lavrar a terra. As pessoas virão e ficarão felizes! – terminou entusiasticamente o gâmico.

– Fizeste essa sugestão ao Homka? – perguntou o Chupías.

– Ele diz que ainda está demasiado fraco após a sua viagem pela floresta, mas podemos perguntar...

– Eu sou um artista, não um lavrador! – disse o hamster com uma voz fraca por baixo do cobertor e cobriu a sua cabeça. – Estas patas nasceram para o palco, – declarou ele.

– Não há cenário na floresta, apenas a sobrevivência acidentada de animais selvagens. E para sobreviver, é preciso estar preparado para as dificuldades, – protestou o Djumbo. – Levantem os calções e venham connosco. Esta aventura vai fazer-vos bem e endurecer as tuas patas.

– Como é difícil essa existência, – respondeu o Homka, esticando-se docemente. – Vou ter de me adaptar à esse ambiente.

O Hamster vestiu calções que já eram demasiado grandes para ele e saiu com os seus amigos.

Por volta do meio-dia, os amigos foram para a orla da floresta. Foram vistos pela tia Raspadora, a mãe do Fuksías. Chamava-se Raspadora porque costumava

esfregar o Fuksías, Persias e a Pusia com umas esponjas e escovas muito rígidas, e as crianças gritavam sempre alto e toda a aldeia os ouvia quando tomavam banho. Agora que o Persias e a Pusia tinham desaparecido na floresta, só o Fuksías sofria com as esponjas ásperas.

Quando chegaram à orla da floresta, esconderam-se atrás de uma pequena árvore e observaram os dois lavradores a trabalhar. Os agricultores, tendo trabalhado arduamente, estavam cansados e decidiram fazer uma pausa para o almoço.

Sem soltar o cavalo, os lavradores colocaram um balde de água e algum feno para ele, e retiraram-se à sombra de um carvalho em expansão. À tarde, os agricultores decidiram fazer uma sesta e, com os seus chapéus de palha puxados para trás sobre a testa, instalaram-se confortavelmente para um sono curto.

Os gámicos e o Homka aproximaram-se lentamente do cavalo, que estava a morder pacificamente o feno. Era uma égua velha com flancos escanzelados, cinzenta com umas manchas castanhas. Os gámicos subiram ao animal, levantando o Homka atrás deles, e contemplaram o mecanismo de controlo do cavalo. O cavalo, sentindo o rastejar de alguns animais, tornou-se alerta, achatou as suas orelhas e deixou de comer o feno.

– Fuksías, o que fazemos a seguir? – perguntou o Djumbo.

– Emmm... é a minha primeira vez a conduzir o “veículo”, – admitiu o Fuksías, que não tinha ideia do que fazer a seguir.

– Talvez dar uma ordem ao cavalo? – sugeriu o Chupías.

– Exactamente! Afinal de contas, de alguma forma é-lhe dito para andar, conduzir ou ficar de pé! – acrescentou o Djumbo.

– Deduzo que tem que se dar o comando ao ouvido, – sugeriu o Fuksías, coçando a parte de trás da sua cabeça. – Mas como este cavalo tem duas orelhas, – acrescentou o Fuksías ao examinar a égua, – são necessários dois operadores, um operador para a orelha esquerda e outro para a direita.

– Assim, o cavalo, tendo recebido o comando na sua orelha esquerda, virará à esquerda e se for na orelha direita virará à sua direita, – o Djumbo agarrou o pensamento, subiu sobre o pescoço do cavalo e sentou-se junto à sua orelha esquerda.

– Penso que isto pode acabar numa tragédia irreparável, – disse o Homka. – Para nós, em primeiro lugar.

– Não te preocupes, estás prestes a ver como os habitantes da floresta lidam com as dificuldades! – tranquilizou-o o Chupías.

O cavalo estava alerta e abanava todo o seu corpo como uma máquina a vapor no início, e havia mais vapor a sair das suas narinas para completar o quadro.

– Muito bem! Eu serei o operador do ouvido direito, e tu, Djumbo, o esquerdo, e tu, Chupías, serás o operador da frente! – gritou o Fuksías e sentou-se ao ouvido direito do cavalo.

– Onde estão os travões deste cavalo e como pará-lo? – gritou o Chupías, preocupado.

Mas ninguém o ouviu porque o Fuksías e o Djumbo, à contagem de um-dois-três, gritaram simultaneamente “vai!!!” em ambos os ouvidos do cavalo, o qual, embora preparado para várias surpresas, não conseguiu lidar com tal choque. Surpresa, a velha égua saltou de repente para as rédeas, rugiu e apressou-se a avançar. O arado preso ao cavalo bateu profundamente no solo e depois de lavrar cerca de dez metros, saltou novamente do solo como um golfinho fora de água. O

cavalo, louco de medo, apressou-se a descer a encosta do barranco, e os gámicos ficaram estupefactos com uma lavoura tão rápida do terreno. Saltando sobre o cavalo como cavaleiros, logo caíram em si e começaram a gritar para que o cavalo parasse.

– Cavalo, alto!!! – gritou o Fuksías para o ouvido direito do cavalo.

– Pára ! Whoa, whoa, whoa, whoa, whoa! Sto-o-o-o-p!!! – gritou o Djumbo assustado para a sua orelha esquerda.

– Irmãos! Parem a potência do cavalo! – guinchou o Chupías com terror de olhos redondos. O gámico calou-se, agarrando as suas patas ao pêlo do cavalo e expressando cepticismo sobre a capacidade dos habitantes da floresta para ultrapassar as dificuldades.

O cavalo correu pela encosta do barranco, acelerando a sua velocidade. O arado saltou atrás da égua como um ferro inútil, e como um ser vivo cortou relva, arbustos e árvores jovens de forma limpa, deixando para trás uma clareira tortuosa. De repente apanhado numa árvore poderosa, o arado partiu-se e ficou pendurado num dos membros. Aí o cavalo abanou-se ainda mais, e os gámicos caíram como frutos maduros da árvore. Depois de correr mais algumas dezenas de metros, o cavalo parou, roncando e tremendo com todo o seu corpo. Deitados na relva, os gámicos e o Homka viram os lavradores a correr em direcção à égua na encosta da ravina e apressaram-se a abrigar-se nos arbustos mais próximos. Os camponeses correram para o cavalo, inspeccionaram-no e conduziram-no de volta, dizendo que o cavalo devia ter sido mordido por uma mosca e fugido da dor inesperada. Mas logo que os camponeses caminharam cinco passos, notaram algo amarelo e cintilante entre os pedaços de terra preta e gordurosa, na trincheira profunda e irregular que a charrua tinha deixado. Os lavradores curvaram-se e ficaram surpreendidos ao encontrar um vaso de barro rachado cheio de moedas de ouro e prata. O regozijo dos camponeses não tinha limites! Saltaram de alegria e abraçaram-se, atirando os chapéus para cima e beijando a cara suada e assustada do cavalo. O cavalo abanou a cabeça e não compreendeu porque é que os lavradores estavam a alegrar-se em vez de o repreenderem por ter lavoura não autorizada da encosta do barranco.

O Fuksías, o Djumbo, o Chupías e o Homka esconderam-se durante mais alguns minutos, vendo os lavradores regozijarem-se, e, gemendo de dor e apalpando as nódoas negras, voltaram para a aldeia. O Fuksías estava a tentar provar aos seus amigos que o Chupías se tinha enganado na velocidade do cavalo e eles estavam prestes a bater-lhe, mas logo se reconciliaram e já se estavam a rir um do outro, chamando-se a si próprios "cavaleiros sortudos", porque a lavoura afinal tinha funcionado tão bem. A única pena, lamentava o Fuksías, é que os aldeões nunca saberão graças a quem encontraram o tesouro.

Capítulo 11. O hamster e a Rosinha voltam para casa

Passaram várias semanas desde que o Homka e Rosinha se tinham estabelecido na aldeia, e os gámicos provaram ser muito felizes com os novos residentes. O Homka, com o seu dom natural para divertir toda a gente, estava constantemente a fazer espectáculos e sabia um número incrível de truques, enquanto a Rosinha patrulhava no ar sobre a aldeia e reportava aos mais velhos o que se passava nas proximidades da povoação. Mas o idílio não durou muito tempo. Uma manhã, um dos gámicos relatou ter visto uma menina a caminhar pela floresta, a

chorar e a chamar pelos seus amigos perdidos, pelo Homka e pela Rosinha. O pai e a mãe estavam com ela e também procuravam o hamster e o papagaio.

– Oh-oh, – gemeu o hamster, sentado na relva e começando a massajar o seu coração. As velhas feridas da alma foram abertas. Rosa, minha amiga, o que é que vamos fazer?

A Rosa abanou as asas.

A tribo reuniu-se para uma reunião. O Klúpis tomou a palavra. Ficou de pé durante muito tempo, apoiado no seu bastão, e os seus pés executavam involuntariamente uma dança magnética. O Klúpis tinha andado a trabalhar muito ultimamente, estava em boa forma física e planeava mesmo realizar um festival de dança em meados do Verão.

– A Rosinha e o Homka tornaram-se familiares para nós e membros iguais da tribo, por isso cabe a eles ficar ou voltar para os humanos, – disse o Klúpis finalmente. – Eu próprio terei saudades vossas! – acrescentou ele, com lágrimas a brotar-lhe nos olhos. O Homka também verteu lágrimas enquanto ouvia o discurso. Toda a tribo dos gámicos murmurou, gritos de "Deixem-os ficar!" e "A nossa casa é a vossa casa!" puderam ser ouvidos.

O hamster acenou com o lenço azul que tinha aparecido magicamente na sua pata e pediu a todos que o ouvissem.

– Obrigado, obrigado, amigos! É uma decisão difícil para a Rosinha e para mim, por isso vamos pensar e daremos resposta amanhã.

No dia seguinte, após muitas horas de deliberação, o papagaio e o hamster decidiram afinal regressar. Disseram um longo adeus, abraçando cada membro da tribo.

– Homka, serás agora o nosso espião humano, a nossa ligação, – disse o Klúpis esperançosamente enquanto abraçava o seu amigo gorducho.

– Eu serei o melhor hamster espião de sempre! – assegurou o Homka. – Vou ser o mais espirituoso e mais estiloso, de qualquer forma.

– Rosinha, toma conta do Homka, – o Klúpis admoestou o papagaio. A Rosinha acenou modestamente com a cabeça.

Acompanhados pelos gámicos, eles foram para a orla da floresta. Não havia pessoas, mas havia muitas pegadas humanas. Os animais passaram a noite na orla da floresta à espera do regresso das pessoas, sentados à volta de uma pequena fogueira durante muito tempo e relembrando juntos as suas aventuras. De manhã, as pessoas vieram e começaram a chamar ruidosamente pela Rosinha e pelo Homka novamente.

– Tenho a certeza de que não nos vamos despedir! – exclamou o hamster, abraçando os seus amigos, um a um. Depois a Rosinha abraçou toda a gente.

– És um verdadeiro animal da floresta agora, não te esqueças disso e não tenhas medo da floresta! – o Djumbo admoestou o hamster.

– Cumprimentos aos peixes! – gritou o Fuksías.

O hamster virou-se para dizer adeus e acenou com a pata, e a Rosinha acenou com a sua asa. Após alguns momentos as pessoas já os viram, a menina correu para os seus favoritos, tomou-os nos braços, balbuciando apaixonadamente, e começou a acariciá-los. Os gámicos assistiram à cena da reunificação durante alguns minutos e, depois, recuaram felizes para dentro da floresta.

Capítulo 12. Uma nova escaramuça com os cumbrécos

A escaramuça com os cumbrécos foi gradualmente esquecida. Os gámicos não eram vingativos nem agressivos, por isso viviam em paz com o resto dos habitantes da floresta. Se houvesse um conflito que não pudesse ser resolvido, toda a tribo se unia e era uma força formidável. Sem serem excepcionalmente grandes, rápidos ou ágeis, os gámicos foram vitoriosos nas batalhas graças à coerência, disciplina e espírito de equipa. Como uma máquina de combate imparável, varreram o inimigo, pondo-o a voar. Após um par de boas reprimendas, mesmo os maiores e mais perigosos animais preferiram não contactar com os gámicos pela segunda vez. Agora havia outra tribo na floresta que não só era tão unida como os gámicos, mas talvez até superior.

Os cumbrécos foram novamente recordados da sua existência quando um gámico chamado Vostrik, magoado e choroso, entrou a correr na aldeia. O Vostrik tinha sido sempre um rufia e estava extremamente orgulhoso de si próprio, e dividiu todos os gámicos em inteligentes, ou "avestruzes", e mudos, ou "burrinhos". Naturalmente, o Vostrik se considerava um inteligente. Uma vez construiu uma bicicleta e chamou a si próprio "Relâmpago sobre Rodas", mas depois de a ter batido contra uma árvore, a tribo começou a chama-lo "burro de bicicleta".

Agora o Vostrik, soluçando e manchando lágrimas nas suas bochechas, disse que os cumbrécos se atiraram a ele, tiraram todos os tesouros incalculáveis que ele levava para a aldeia, esbofetearam-no e expulsaram-no a rir.

A tribo duvidava muito que o Vostrik pudesse ter trazido algo de valor, e não acreditava que o Vostrik fosse capaz de construir um diálogo construtivo, não só com os cumbrécos, mas com qualquer um. Mas era impossível para os gámicos não reagirem a tal partida de outra tribo. A questão era como encontrar os infractores.

O Fuksías, o Djumbo e o Chupías voluntariaram-se para serem os espíões. O Vostrik, queixoso, levou-os a uma clareira onde disse ter recebido alguns golpes imerecidos e não provocados dos cumbrécos. Antes dos gámicos chegarem ao local, o Vostrik apontou. A sua pata para os arbustos altos e correu para a aldeia, alegando que estava moralmente perturbado e tendo dificuldade em permanecer neste local. Assim que a nuvem de pó, levantada pelas patas de Vostrik a correr para casa se instalou, os outros gámicos esfregaram os olhos e a inspecção da zona de guerra começou.

– Muitas pegadas, parecidas com as nossas! – observou o Chupías, apontando para as pegadas claramente visíveis na erva fosca e comparando-as com a sua própria pata.

– Umas pegadas levam à nossa aldeia, outras à mata, – acrescentou o Chupías.

– Nunca percorremos tão longe nessa direcção, – disse o Fuksías pensativamente.

Os corajosos gámicos, espetados com os galhos e amontoados com folhas para se tornarem invisíveis, partem para o trilho. Por vezes, as pegadas perdiam-se, mas os amigos encontravam novamente a sua direcção pelos galhos partidos e pelo cheiro diferente no ar. Finalmente, depois de atravessar a densa mata e um ribeiro de fluxo pleno, os amigos encontraram-se na descida para o vale. Rastejaram cautelosamente até ao topo de uma colina e viram a aldeia a espalhar-se por baixo. Ela situava-se num local agradável, rodeado por colinas e floresta densa. A aldeia

assemelhava-se muita à aldeia dos gámicos pela localização das casas e pelo esboço geral dos edifícios.

– Está cheio de gente! – assobiou o Chupías em admiração. O vale estava de facto repleto de animais que se pareciam exactamente com os gámicos.

– Foi esta aldeia que eu vi através do telescópio do balão de ar quente e conheço todas as suas abordagens, – declarou o Djumbo, cujo espírito aventureiro já estava ansioso por uma batalha.

– Porque não descemos e falamos com eles? – sugeriu o Fuksías.

– Não, isso não é interessante! – opôs-se o Djumbo.

– Ninguém se mexe, arbustos falantes! – havia uma voz repentina por detrás deles.

– Levantem os galhos e segurem-os onde os possamos ver!

Os prisioneiros foram conduzidos a uma clareira que se assemelhava ao local de encontro central na aldeia dos gámicos. Aí foram finalmente autorizados a dar a volta e a mover-se.

– Oh, as nossas velhas amigas! – exclamou o Djumbo, tirando os seus galhos. Os seus acompanhantes revelaram-se a Kvasulia, e a Kukvimba.

A Kvasulia, lançando um olhar suspeito sobre os gámicos, fugiu, mas logo regressou com um velho e majestoso cumbréco. Tinha um nobre cabelo cinzento na cabeça, e uma coroa muito semelhante à do Klúpis.

– Olá, alienígenos! – disse o cumbréco numa voz retumbante. Eu sou o chefe Krámio, o rei desta tribo!

– Ele está em melhor forma que o Klúpis, – observou o Djumbo.

– Olá, chefe! – cumprimentam-no os gámicos.

– Tem um bom nome, – o Chupías elogiou o chefe.

– Obrigado, – acenou o Krámio com a cabeça. – A minha filha, Kvasulia, diz que já se conheceram antes, e que não foi um encontro muito bem sucedido.

– Bem, é difícil argumentar contra isso, – acenou o Fuksías com a cabeça.

– Porque é que nos estavam a seguir? – perguntou o chefe.

– Esta manhã vocês atacaram o nosso tribano e levaram os seus objectos de valor, – respondeu o Fuksías.

– Não é verdade, – veio uma voz da multidão, – ele começou primeiro!

– Sim, ele levava uma bugiganga, e depois ao ver dois cumbrécos a arrastar um anel e uma moeda brilhante para a colónia, tentou tira-los. Portanto, as coisas permanecem connosco. E vocês são livres de voltar para os vossos irmãos valentões, e se quiserem fazer uma luta, que assim seja!

Os gámicos foram libertados e antes do pôr-do-sol chegaram à aldeia deles. À luz de archotes e velas, os gámicos reuniram-se para discutir o que tinha acontecido e para decidir o que fazer a seguir.

As opiniões, como sempre, estavam divididas. Alguns gritavam que a vingança era necessária e que era tempo de dar uma lição aos cumbrécos, alguns exigiam negociações com a tribo vizinha, e alguns não queriam nada, e ofereceram-se para viver como antes, ignorando os estranhos. Esta noite, porém, o grupo mais ruidoso foi o dos apoiantes da luta – muitos ficaram indignados com a impertinência dos cumbrécos, e alguns apenas queriam uma aventura. Sob a pressão da maioria, o Klúpis, que era a favor de negociar a paz com os cumbrécos, teve de se conformar.

– Querem lutar? – gritou ele, tentando soar mais alto do que o barulho da multidão. – Está bem, mas fá-lo-ão à minha maneira se quiserem ganhar! E sem ferimentos, sem hematomas, sem arranhões! Só vamos assustar os cumbrécos!

Capítulo 13. O ataque de gás e foguetes e a Força Aérea de Salsicha

O equipamento dos gámicos consistia em calções de batalha vermelhos, um casaco vermelho, uma bengala e um stock de bagas. A бага era empurrada para dentro da bengala, o gámico enchia as suas bochechas cheias de ar e soprava o mais forte que podia, disparando a бага o mais longe possível. Era necessária uma enorme resistência para forçar a бага a entrar profundamente na cana e recolher o máximo de ar possível enquanto se encontrava em frente ao inimigo, pelo que os gámicos praticavam regularmente esta habilidade. Tais gámicos das bagas eram chamados pelos seus companheiros de tribos de sopra-bagas.

Os gámicos tinham também grandes físgas, nas quais carregavam pinhas e disparavam contra o inimigo com essas pinhas. O elástico de tal físga exigia os esforços de dois ou três gámicos para a puxar com força. Estes gámicos eram chamados de pinha-balas.

O exército do gámicos marchou, soprando as cornetas e batendo os tambores. Antes da mata, o exército dividiu-se e começou a circular à volta do vale do seu lado direito.

– Vamos ganhar! – gritavam os gámicos e cantavam as canções de batalha.

A força principal avançou – liderada pelo Klúpis. Afixou alguns dos seus súbditos no topo da colina, que começaram a fazer barulho alto e a desafiar os cumbrécos para uma batalha. Não foi necessária uma longa persuasão, e o exército do Klúpis, vestido de calções e casacos azuis, com as suas bengalas e físgas nos ombros, marchou para fora da aldeia. Os cumbrécos subiram rapidamente a colina, dentro da distância de lançamento de uma бага de cana, e começaram a lançar conchas de bagas com bastante sucesso a vanguarda dos gámicos. Mas depois o Klúpis trouxe a força principal, e seguiu-se uma batalha de bagas e pinhas fora de brincadeira. Os dois exércitos faziam caretas um ao outro, rangendo, guinchando e gritando.

O velho Klúpis, embora não fosse um jovem, era ainda um excelente general, como todos os membros da tribo reconheceram. Tinha passado por muitas escaramuças e era experiente, abrangente e de sangue frio.

– Portanto, – começou o rei, desenhando com um galho no chão o mapa da aldeia dos cumbrécos e da área circundante que o Fuksías, o Djumbo, e Chupías tinham visto anteriormente. – Não atacaremos a aldeia porque está bem guardada e é fácil de defender. Vamos forçar o seu exército a vir ao nosso encontro, colocando uma pequena parte do nosso exército na colina em frente à aldeia. Quando os cumbrécos, enganados pelos nossos pequenos números, começarem a escalar a colina, engajaremos três quartos das nossas forças e desviaremos toda a sua atenção. Nessa altura, uma pequena força descera as cordas pelas colinas para longe da batalha e atacará a parte inimiga pelo lado.

– Quem está pronto para ser um espião? – o rei olhou para todos à sua volta. Nesta altura o Fuksías estava a acenar com uma abelha a voar à volta dele. O rei Klúpis compreendeu o aceno das patas do Fuksías como um desejo de se tornar um herói espião.

– Fuksías, – anunciou o rei solenemente, – estou a atribuir-te o título de um piloto de foguetes e dou-te a oportunidade de fazer uma missão de reconhecimento aéreo de alta velocidade! Não nos decepciones !

– Sim, meu rei! E como é que vamos fazer o reconhecimento? – perguntou o Fuksías, não compreendendo nada do discurso do governador por causa da abelha.

O rei Klúpis suspirou e, depois de pensar um pouco, exclamou:

– Lembro-me de uma tradição ancestral, eles diziam: se pegarmos numa garrafa de água doce gaseificada e lhe colocarmos um comprimido de menta, em dois segundos um poderoso jacto de refrigerante irá rebentar da garrafa. Se amarrarmos um foguete-piloto à garrafa, esse jacto de refrigerante pode levantar tanto a garrafa como o foguete-piloto para o ar.

– Eu em cima de uma garrafa?! – o Fuksías ficou pálido e ajoelhou-se em frente ao rei. – Receio que a garrafa possa explodir!

– Tudo vai correr bem! – o rei encorajou-o. – Serás um herói!

Com os risos do Djumbo, do Chupías e dos outros gámicos, o Fuksías cambaleou para recolher o seu equipamento.

Cinco minutos depois tudo estava pronto: uma grande garrafa de refrigerante foi colocada num posto alto, o Fuksías foi amarrado à garrafa e preparado para lhe atirar um comprimido de menta para dentro.

– Olhem, os cumbrécos levantaram um balão de ar! – gritou, de repente, um dos gámicos, apontando para o céu.

A tribo inteira olhou para cima: um cesto com um cumbréco dentro flutuava lentamente no céu, amarrado a uma pele de salsicha cheia de ar. Como o invólucro foi retirado de um longo pau de salsicha, parecia que uma salsicha vulgar estava a flutuar pelo céu.

– Ha-ha-ha! – riram-se os gámicos. – Vejam só: os cumbrécos têm a Força Aérea de Salsicha! Agora os cumbrécos vão ganhar-nos com os seus balões de salsicha, de certeza!

A espetaculo da bola de salsicha foi tão engraçado e surpreendente que um corvo a passar olhou para ela e bateu no pinheiro com tal força que até as agulhas e as pinhas caíram.

Do cesto do balão de salsichas, a Kvasulia olhou para baixo para ver a localização do exército dos gámicos e começou a transmitir as observações aos seus companheiros, agitando duas bandeiras vermelhas de sinal.

– Ela é um espião!!! – gritou alguém dos gámicos. – Que traição! Ela está a olhar para baixo para as nossas tropas!!!

– Apressem-se e amarrem o Fuksías, lancem o nosso espião!!! – guinchou algum outro gámico em resposta.

O Fuksías ficou ainda mais pálido, mas aguentou a sua missão. Os gámicos lançaram o comprimido de menta no gargalo da garrafa e rapidamente fecharam a rolha.

– Quando abrimos a rolha, rei? – perguntaram eles ao Klúpis.

O Klúpis puxou uma ampolheta por baixo do seu manto real e olhou para ela pensativamente, movendo os seus lábios.

– Quando eu contar até três, abrem! – comandou o Klúpis. – Um...! Dois...

Toda a tribo caiu em silêncio, e o Fuksías gemeu silenciosamente de medo e, de repente, tomou consciência disso:

– Esperem, como é que eu volto do céu para a terra? Já pensaram sobre isso...

– Três!!! – gritou o Klúpis e acenou com a sua pata.

Os gámicos abriram a rolha e um jacto potente com um barulho forte e o grito de Fuksías carregou o foguetão gaseificado para cima, banhando primeiro os gámicos que estavam em pé com espuma doce.

– Realmente, como é que o Fuksías descerá do céu à terra?– perguntou o Djumbo. Mas ninguém o ouviu.

Entretanto, o foguete de refrigerante junto com o Fuksías tinha começado a sua espiral curva – directamente ao balão com a Kvasulia.

Os cumbrécos viram o foguete gasoso com o Fuksías, ficaram preocupados, começaram a gritar, a abanar as patas e a atrair a atenção da Kvasulia. Mas ela estava demasiado ocupada a transmitir dados de reconhecimento e só notou o perigo quando o foguete com o Fuksías se aproximou.

A Kvasulia deixou cair as bandeiras e cobriu a cara com as patas, o foguete de refrigerante rastejou para dentro do balão de salsicha, as correias com as quais o Fuksías foi amarrado à garrafa de refrigerante, rebentaram, o Fuksías voou para o cesto e caiu mesmo aos pés da Kvasulia. Mal ela tinha perguntado o que tinha trazido o visitante não convidado para o cesto do seu dirigível, a bola de salsicha, que foi perfurada pelo impacto, começou a deixar sair um jacto de ar, o cesto inclinou-se acentuadamente, o que fez com que a Kvasulia quase caísse dele, conseguindo agarrar a borda exterior com as suas duas patas.

– Ahhhhhh, mãezinha, salvem-me! – gritou a Kvasulia com uma voz de partir o coração.

As tribos dos gámicos e dos cumbrécos congelaram horrorizadas e observavam sem fôlego enquanto a Kvasulia pendia à beira do abismo num balão almofadado no céu, gritando e torcendo com todo o seu corpo enquanto tentava voltar a subir.

Foi o grito da Kvasulia que fez o Fuksías recuperar rapidamente, ou ele teria demorado muito tempo a recuperar de golpe destes. Correndo instantaneamente para a beira do cesto, o Fuksías inclinou-se, mas quando viu o chão muito abaixo, recuou horrorizado e agarrou-se ao seu peito. Mas a Kvasulia continuou a gritar desesperadamente, e o Fuksías finalmente venceu o seu medo. Dobrou-se novamente, pegou na Kvasulia e, esforçando-se, puxou-a para dentro do cesto.

Os gámicos e os cumbrécos bateram palmas e gritaram de alegria ao ver o salvamento da Kvasulia. Ela acenou-lhes com a sua pata, o que fez os companheiros das tribos aplaudir. E o Fuksías sentou-se no chão do cesto tremendo com o susto que tinha sofrido.

– Que corajoso! Um herói! – os gámicos discutiam a ato de Fuksías, acenando com a cabeça com aprovação e apertando a língua em delírio.

Todo esse tempo o cartucho do dirigível de salsicha continuava a perder o ar, o balão continuava a descer, e após alguns minutos o cesto tocou no chão. A Kvasulia saltou e curvou-se graciosamente para os espectadores estupefactos, enquanto o Fuksías continuou sentado lá dentro, tremendo de medo. Mas os seus companheiros de tribos compreenderam que esta era a modéstia excepcional de Fuksías.

– Que humilde! Bravo Fuksías! – sussurraram os gámicos.

Capítulo 14. A batalha que não aconteceu

Enquanto assistiam ao resgate da Kvasulia pelo bravo herói Fuksías, os gámicos e os cumbrécos perderam a sua beligerância e queriam deixar de lutar, mas tiveram de continuar a luta – muitos balões já tinham voado da aldeia dos cumbrécoss, com os bombardeiros sentados nos seus cestos. Eram os cumbrécos, treinados para deitar xarope doce e atirar pinhas ao inimigo. Mas a própria aparência dos balões surpreendeu os gámicos ainda mais do que da primeira vez: eram todos enchidos de tripa, salsichas e cebolinhas.

Os gámicos abriram a boca à vista de tão ridículo equipamento de combate e passado um segundo estavam a rir-se incontrolavelmente. No entanto, no momento seguinte, pararam de rir pois os baldes de xarope doce, pinhas e agulhas de pinheiro se derramaram sobre as suas cabeças.

– Ah, então!!! Oh, é assim que vocês são?! – os gámicos ficaram zangados e começaram a preparar as garrafas de refrigerante açucarado. Num minuto dezenas de garrafas estavam a disparar para o céu, assobiando e cuspidando espuma doce. Voavam num arco largo passando os balões de ar quente, e o orvalho gaseificado doce derramava-se copiosamente sobre os gámicos e os cumbrécos. Dois arco-íris maravilhosamente belos floresceram no céu da multidão de humidade doce, e ambas as tribos abriram as suas bocas em admiração.

A Mabasia e a Kukvimba, sentadas nos cestos de bolas de salsicha, também estavam a olhar para o arco-íris e, por engano, despejaram o xarope doce e os punhos nos seus companheiros cumbrécos, causando-lhes imediatamente a indignação:

– Onde estás a deitar o xarope, seu falhado?! – gritavam alguns.

– Abre os olhos! – gritavam os outros e sacudiam os punhos.

– Se descer, arranco-te as orelhas! – zangavam-se os terceiros.

Mas a Mabasia e a Kukvimba não ouviram os gritos e atiraram uma montanha de confetis e brilhantes para fazer os vencedores felizes. Mas os confetis e os brilhantes eram, obviamente, desnecessários – eles pegavam-se nos cumbrécos e nos gámicos, já manchados com xarope doce e agulhas de pinheiro.

– Parece um espectáculo... – resmungou o rei Krámio, de pé no trono e a olhar para os seus guerreiros através de binóculos. – Palhaços contra comediantes...

– Isto não é uma batalha, é um circo... – comentou o rei Klúpis de forma sombria. – Eles deviam de estar no circo, não a lutar. Guerreiros...

Finalmente, os gámicos e os cumbrécos viram a futilidade da batalha e ambos os lados enviaram parlamentares com lenços brancos em paus longos.

Os negociadores concordaram que ambos os exércitos tinham tido uma boa luta hoje e que um empate poderia ser aceite, e concordaram com uma não agressão. Tanto os gámicos como os cumbrécos riram-se ao olharem um para o outro: o aspeto de confetis e animais brilhantes cobertos de xarope causavam risos e piadas sem malícia. Os cumbrécos começaram a arrumar a sua aldeia, e os gámicos voltaram para a sua, tendo cada tribo a certeza absoluta de que eram os vencedores e os seus adversários eram meros novatos na guerra e uns cobardes. O Fuksías, o Djumbo e o Chupías tiveram uma longa viagem de regresso a casa, seguida de uma lavagem de roupa suja e doce.

Capítulo 15. A Inundação

Passou o verão e chegou o outono. As fortes chuvas tornaram-se mais frequentes, e os gámicos passavam longos períodos nas suas casas junto às lareiras quentes. Um dia, quando a chuva parou durante meio dia, a patrulha dos gámicos regressou à aldeia e relatou a difícil situação no vale perto da aldeia dos cumbrécos. Os escuteiros disseram que, após as chuvas fortes, um riacho que corria no vale tinha rebentado as suas margens e parecia começar a inundar a aldeia dos cumbrécos, tanto mais que um caminho, escavado durante a recente batalha, conduzia ao assentamento. Os cumbrécos, exaustos, escavam um canal para desviar a água, constroem barragens, mas tudo em vão – sem força e tempo suficientes. A tribo dos gámicos estava a discutir as notícias.

Alguns gámicos, incluindo o Vostrik, riam-se da desgraça dos seus adversários recentes, mas a maioria dos animais era simpática para com os seus companheiros. A inundação é um grande infortúnio.

O velho Klúpis ficou pensativamente silencioso e caminhou à volta da clareira central, abanando a sua cabeça e ponderando a sua decisão. De repente, o Fuksías desejou dirigir-se à tribo. Esperou que todos os aldeões estivessem reunidos, tossiu, endireitou a sua camisa e decidiu falar.

– O ancião lembra-se de que em tempos fomos uma tribo. Sim, já passaram muitos anos desde que os gámicos e os cumbrécos se separaram, os nossos e os deles tons de pele tornaram-se ligeiramente diferentes, eles vivem longe, nós lutamos mais do que éramos amigos, e os calções deles fecham de forma diferente... Mas dentro de nós ainda somos um povo da floresta, e por isso temos o dever de ajudar os nossos irmãos da floresta! Se não ajudarmos, a água inundará a aldeia e os cumbrécos ficarão desalojados; o inverno está a chegar, e não haverá tempo para eles construirem novas casas. Os cumbrécos estarão simplesmente condenados. Não podemos dar-nos ao luxo de os deixar! – o Fuksías terminou o seu comovente discurso.

– Também têm raparigas bonitas! – acrescentou o Djumbo da multidão.

– E o rei deles tem um nome porreiro! – adicionou o Chupías.

A tribo murmurou de acordo, e o velho Klúpis olhou com aprovação para o Fuksías. Os gámicos estavam de novo em marcha, mas desta vez não era uma marcha militar.

Os cumbrécos tinham cavado uma vala para transportar a água do rio que transbordava durante dias. Embora os cumbrécos estivessem a escavar sem parar, estavam claramente a ficar sem tempo, e a aldeia podia ser inundada a qualquer minuto. Todos os objectos de valor foram carregados em jangadas feitas de galhos por precaução, e os barcos insufláveis foram preparados para evacuar a população. Muitos dos animais já se encontravam em colapso devido à fadiga. Os seus focinhos, casacos e fatos estavam cobertos de lama líquida e pegajosa. A Kukvimba, cavando a vala com os seus amigos e empunhando a pá bruscamente, reparou subitamente numas figuras na colina. Ela limpou as patas nos calções e depois esfregou bem os olhos. Depois de um olhar mais atento, a Kukvimba apercebeu-se de que os gámicos estavam a chegar.

– Mabasia, Kvasulia, olhem quem está na colina! O que é que eles querem?

– Ah, esses valentões! Eles vieram rir-se de nós! Escava... – murmurou a Mabasia, sentou-se no chão, soluçou, limpou o nariz com a pata e chorou.

A Kvasulia não disse nada, apenas suspirou tristemente e continuou a apanhar a terra húmida, esmigalhando-a com a sua pá.

Por esta altura, toda a tribo dos cumbrécos já tinha tomado conhecimento do movimento na colina e suspenso o seu trabalho.

– Os gálicos estão a espreitar, – resmungou alguém.

– Não é uma boa altura para eles virem a rir, – acrescentou outra voz com tristeza.

O rei Krámio, que agora não parecia nada com um rei, deixou de cavar, limpou a sujidade e o suor do seu rosto e olhou com desconfiança para os intrusos, apoiando-se na sua pá. Suspirando, empurrou a ferramenta cansadamente para o chão e esquadrinhou os seus ombros, enquanto vigiava os gálicos. A Kvasulia estava ao seu lado. Os convidados, liderados por Klúpis, já tinham descido a colina e aproximavam-se da aldeia.

– Olá, amigos! – veio uma voz retumbante de Klúpis. – Chefe Krámio, o meu respeito! Tirava a minha coroa para o saudar, mas há muito tempo que não o posso fazer. Para dizer a verdade, de vez em quando tenho um pouco de comichão lá em baixo. Vejo que a vossa aldeia vai fazer um cruzeiro marítimo?

– Sim, é isso mesmo! – respondeu o Krámio.

– Bem, nós podemos ajudar a resolver o problema. Na verdade, é para isso que estamos aqui.

– Ficaremos em dívida, obrigado! – respondeu o Krámio com um toque de emoção.

– Não ficam, somos família, apesar de alguns mal-entendidos que tivemos no passado. Vamos ao trabalho, rapazes! – gritou o Klúpis e arregaçou as mangas da sua camisa real e dirigiu-se para a aldeia. Os gálicos com pás e sacos correram atrás dele.

A tribo de gálicos, cheia de energia fresca, começou a trabalhar. Os entusiastas cumbrécos começaram a cavar com energia redobrada e conseguiram fazer uma vala de desvio antes que a água jorrasse do rio. A chuva tinha parado.

No pôr do sol, iluminadas pelo disco vermelho do sol que se afastava, as duas tribos ficaram na encosta e observaram cansadas como as correntes lamacentas de água se precipitavam, varrendo tudo no seu caminho, mas contornando o povoado. As casas dos cumbrécos tinham sido salvas. Ao anoitecer, os gálicos e os cumbrécos começaram a felicitar-se mutuamente, abraçando-se e dando palmadinhas nos ombros um do outro. Alguns dos cumbrécos choraram de felicidade.

– E agora vamos ter a maior festa que a floresta já viu, ou eu demito-me do cargo de chefe! – anunciou a todo o vale o Krámio, terrivelmente cansado, mas feliz e pacífico.

Os cumbrécos convidaram os gálicos para uma festa na sua aldeia, acenderam fogueiras e começaram a montar longas mesas. As fogueiras e as lâmpadas fizeram um brilho como de dia.

– Vocês não são assim tão maus, tenho de admitir! – disse a Mabasia ao Djumbo que estava sentado ao seu lado.

– Obrigado! – guinchou o Djumbo excitadamente.

– Bem... tu também és... bom... – A Mabasia apoiou o Fuksías.

Havia alguns lugares vazios nas proximidades, e dois cumbrécos, aparentemente irmão e irmã, sentaram-se ali.

– Meus filhos!! – veio um grito agudo de alegria que afogou o barulho da multidão. Era a tia Raspadora.

– Mamã, o que aconteceu? – perguntou o Fuksías perplexamente.

– Pusia!!! Percias!!! – exclamou a tia Raspadora e apressou-se a abraçar aqueles cumbrécos, o irmão e a irmã. O Persias e a Pusia, que tinham sido perdidos numa idade precoce durante muitos anos, foram encontrados na floresta pela tribo dos cumbrécos e deixados para viver com eles. O Fuksías foi ter com os irmãos, e depois o abraço e o canto coral espalharam-se pela aldeia. Foi o segundo milagre de um dia. A festa e as comemorações na aldeia continuaram pela manhã até que os gámicos e cumbrécos adormeceram cansados.

Capítulo 16. Ajudar as pessoas

A celebração do resgate da aldeia de cumbrécos durou vários dias. As tribos celebravam com visitas ininterruptas umas às outras. Primeiro os cumbrécos foram aos gámicos, depois os gámicos aos cumbrécos, depois todos começaram a visitar uns aos outros de uma forma totalmente aleatória, e após uma semana e meia foi difícil dizer quem havia mais na aldeia dos gámicos – os próprios gámicos ou os cumbrécos visitantes.

Naquele momento o Homka e a Rosinha apareceram novamente. Apareceram como espíritos florestais do nevoeiro da manhã, derrubando o orvalho na relva com as suas patas. No início, os pequenos gámicos pensavam que era uma consequência da celebração prolongada que já passava de uma semana e meia. Mas o hamster e o papagaio aproximavam-se persistentemente da aldeia, provando a sua realidade.

– O que aconteceu?! – perguntou o Chupías, que lidou com o seu espanto mais cedo do que os outros.

– Nada, meu amigo, viemos por nossa livre vontade! – disse o hamster teatralmente. – Têm um gole de água para o viajante cansado? – pediu o hamster, esticando as suas patas para uma chávena de café. O Chupías suspirou, entregou o café ao convidado e foi preparar um outro café.

– As pessoas estão em apuros, – disse o Homka, tomando um gole da sua taça, – após a inundação muitas casas foram danificadas na cidade, incluindo o alto castelo com as torres, a que as pessoas chamam o “Museu do Conto de Fadas” e que é visitado por quase toda a população da cidade, especialmente crianças e muitos turistas.

– Ouvimos os donos a falar. É um edifício muito importante para toda a população, mas devido à inundação, uma parte da estrutura desmoronou-se e encontra-se em estado de emergência. Se não for reparada rapidamente, a estrutura entrará em colapso, – acrescentou a Rosinha.

– Agora as pessoas estão a recolher dinheiro em todo o município para reparações urgentes, mas os donos afirmam que o município não tem tanto dinheiro e que o edifício está condenado a ser demolido, – continuou o Homka.

– Depois lembrei-me que vocês, os Grandes Caçadores de Tesouros e Recuperadores de Valores, a Poderosa Tribo dos Gámicos, existem há muitos, muitos anos, ajudando as pessoas. Talvez também possam ajudar desta vez? – retomou o assunto a Rosinha.

– Têm tesouros suficientes para salvar um edifício, tão importante para as pessoas, que só se fala disso da cidade? – perguntou o Homka esperançosamente.

A tribo olhou para os Klúpis em silêncio e o velho rei deu um passo em frente.

– Há muitos anos que temos vindo a recolher coisas valiosas e a armazená-las nos nossos cofres, e penso que existem por aí tesouros suficientes. Mas mesmo que

não haja suficientes, temos os novos amigos, os cumbrécos, que servem para o mesmo propósito – ajudar as pessoas. E eles vão ajudar-nos, – disse o Klúpis com confiança, apoiando-se no seu pau. O Krámio acenou com a cabeça, com aprovação.

A tribo de gámicos murmurou aprovadamente, ouviram-se os gritos "É verdade!", "Vamos ajudar as pessoas!". Mas ninguém sabia onde ficava este edifício, que necessitava de renovação, e onde levar o tesouro. Claro que os nossos velhos amigos o Fuksías, o Djumbo e o Chupías se voluntariaram para explorar o local. Estavam tão ansiosos por mostrar a sua destreza na exploração que a tribo concordou incondicionalmente em dar-lhes essa oportunidade. Após uma longa reunião, foi decidido partir na missão de reconhecimento durante o dia.

Capítulo 17. Exploração da cidade e entrega do tesouros ao Museu do Conto de Fadas

– É tudo uma questão de camuflagem! – disse o Fuksías profundamente, levantando o seu dedo indicador.

O Fuksías, o Djumbo e o Chupías estavam de pé a olhar para a pilha de roupa humana que tinha sido trazida por todos os habitantes da tribo de gámicos. Depois de vasculhá-la durante alguns minutos, os amigos escolheram um casaco de criança castanho, sapatos azuis, um lenço xadrez amarelo tóxico, luvas verdes e um grande cilindro preto. Mas mesmo o casaco de criança era demasiado grande para todos os gámicos. Alguém sugeriu que o Fuksías ficasse nos ombros de Chupías e o Djumbo subisse até ao topo. Assim o fizeram, e o casaco serviu. O lenço foi amarrado no topo dessa pirâmide e o cilindro empoeirado foi colocado em cima, mas o Djumbo estava completamente escondido nele, por isso foram feitos dois buracos no chapéu para os seus olhos.

– De cilindro preto e roupa especial, estava eu com pressa de vir à festa na vossa cidade, – cantava o Homka uma canção que tinha ouvido em algum lugar e aprovou a roupa.

A tribo de gámicos ria-se da divertida pirâmide, que mais parecia um espantalho de horta do que um ser humano, mas não havia outra opção.

– A camuflagem deixa muito a desejar, por isso tenham cuidado, – disse o Klúpis aos batedores.

Os gámicos, acompanhados pelo Homka e a Rosinha, dirigiram-se para a periferia da cidade, onde subiram para este traje extravagante.

– Bem, está na hora de ir para casa! – o Djumbo queria dizer adeus.

– Não, eu não vou perder tal aventura, – respondeu o Homka.

– Que aventureiro que tu és, – murmurou a Rosinha ao olhar para o hamster, mas também ficou com os seus amigos.

– Então vamos lá! – a voz de Fuksías veio de dentro do casaco.

– Vamos! – acrescentou o Chupías com um pouco de tensão, e arrastou a estrutura de casacos e pijamas sobre os seus poderosos ombros para a cidade.

O Chupías apoderou-se de um pau para o equilíbrio. Um pedaço de corda velha, encontrada no seu bolso, foi amarrado ao colarinho do Homka – parecia um animal de estimação num passeio, agora por ser um hamster numa trela – mas todos os donos têm as suas peculiaridades. A Rosinha sentou-se no ombro da figura de sobretudo. Era um espectáculo a contemplar. A pirâmide ficou de pé por um momento e depois seguiu em frente. Alguns minutos depois, à luz do sol da manhã, os amigos

caminhavam ao longo das estradas de pedra da cidade. Havia poucas pessoas, e ninguém estava particularmente interessado na figura ridícula do sobretudo, embrulhada num lenço e com um cilindro antiquado.

Embora algumas pessoas tivessem olhado para o velho fato com um olhar surpreendido, e algumas até correram para o outro lado da rua.

A figura revestida de casaco caminhava de forma solitária, inclinando-se ocasionalmente para trás ou para a frente, balançando de um lado para o outro. No entanto, os paus nas patas de Chupías permitiram que a figura andasse relativamente estável.

– Um, dois, três! Conseguem ouvir-me? – o Djumbo tentou fazer uma ligação dentro da pirâmide.

– Três, dois, um! Consigo ouvir-te bem! Olá, Chupías, casa das máquinas, estás a ouvir? O Fuksías estava de bom humor, apesar de não poder ver nada e, de facto, não estava a fazer nada.

O Chupías levava dois amigos e uma pilha de roupa, e não lhe apetecia brincadeiras, mas tinha de responder.

– Consigo ouvir muito bem, o que vêem, para onde ir? – o Chupías andava a um ritmo moderado.

– A casa das máquinas pergunta para onde ir? – o Fuksías transmitiu a pergunta do andar de cima.

O Djumbo aninhou-se contra os buracos cortados no cilindro, torceu à esquerda, à direita e sussurrou em voz alta para baixo:

– Vamos em frente, a praça principal da cidade está à frente!

– Há gelado na praça? – o Chupías estava suado e com fome, por isso queria comer alguma coisinha.

– Também eu parava para comer, estou cansado, – disse o Homka.

O grupo entrou na praça e o Djumbo rolou o seu cilindro em busca de uma banca de gelados. O Chupías, reparando no homem dos gelados, abanou o seu cilindro com cortesia. – Um... crème brûlée! – pediu a Rosinha quando eles chegaram à banca.

– Concorda com o seu pássaro? – perguntou perplexamente o homem dos gelados, um homem gordinho, com bigode e avental de cozinheiro. A pirâmide acenou silenciosamente com a cabeça. Uma moeda caiu da sua manga. O homem dos gelados estendeu um grande cone com um topo branco. Ainda silencioso, o estranho casaco em cilindro, pegou no gelado com a manga vazia, afastou-se, e o cone de crème brûlée desapareceu, primeiro misteriosamente algures nas dobras da sua roupa, depois voltou a aparecer muito encurtado, e um minuto depois desapareceu completamente: os três partes interiores da pirâmide comeram-no, lembrando-se de partilhá-lo com o grupo da capa, o "hamster na trela" e "o seu pássaro".

– Bem, onde devemos procurar aquele castelo com as torres chamado Museu do Conto de Fadas? – perguntou o Chupías.

– Aí está ele! – respondeu a Rosinha e apontou para um grande e belo edifício em forma de um antigo castelo.

Os amigos olharam à volta do enorme castelo ornamentado, e as suas grandes e pequenas torres, bandeiras coloridas e galhardetes.

– Bem, o alvo é encontrado, por isso temos de voltar para a floresta, – disse o Fuksías. – E vocês, – disse ele ao Homka e à Rosinha, – deviam de chegar a casa antes que a Sofia descubra que estão desaparecidos.

– Sim, chega de aventuras por hoje, – concordou o Homka.

De volta à aldeia, os gânicos partilharam com os companheiros o que tinham visto.

Passado uma hora, todos os tesouros dos cofres já tinham sido classificados, empilhados em arcas e contados. Os anéis, colares, pulseiras, broches, brincos e outras jóias de ouro e prata, que tinham sido perdidos e esquecidos pelo povo, e o brilho das pedras preciosas podia fazer com que uma pessoa ficasse cega. Um mensageiro foi enviado para a aldeia de cumbrécos com a mensagem de que era altura de entregar também os seus valores.

Os cumbrécos chegaram imediatamente e durante uma noite inteira as duas tribos levaram os valores da floresta para a cidade, onde com o maior cuidado todos os tesouros foram colocados em arcas mesmo no meio do grande salão daquele castelo muito alto e belo com torreões, que necessitava de reparação urgente.

Depois disto, os gânicos e os cumbrécos deixaram a cidade rápida e silenciosamente, despediram-se à beira da floresta e espalharam-se pelas suas aldeias.

Capítulo 18. As pessoas têm mais fé nos milagres do que na ajuda dos habitantes da floresta

Veio o verão, e mais uma vez a mesma família estava de férias na orla da floresta: o pai, a mãe, o irmão e a irmã – o Vitor e a Sofia.

Todos estavam a divertir-se, e o pai contou às crianças como recentemente tinha acontecido um verdadeiro milagre: o Museu de Contos de Fadas, que tinha sido danificado pela inundação, tinha subitamente recebido fundos para reparações – jóias doadas por benfeitores desconhecidos. Era tão estranho e misterioso que foi noticiado nos jornais.

– Pai, estes tesouros não poderiam ter sido deixados pelos gânicos? – perguntou o menino.

– Ou pelos cumbrécos? – acrescentou a sua irmã mais nova.

– Não, claro que não, meus queridos! – respondeu a mãe enquanto abraçava as crianças.

– Uma pessoa qualquer deve tê-lo feito! – disse o pai.

As crianças começaram novamente a correr pela clareira, e de repente o menino gritou alegremente:

– Mãe! Pai! Encontrei o meu camião, aquele que perdi durante o Verão! – o rapaz pegou no carrinho e mostrou-o aos seus pais.

– Vês, afinal não foram os gânicos que o roubaram! – o pai brincou, e a mãe riu-se.

À noite, as crianças felizes e os seus pais entraram no carro e partiram para a cidade.

À medida que o barulho do motor se extinguiu e o carro desapareceu da vista, o Fuksías, o Djumbo e o Chupías emergiram dos arbustos altos e amarelados. O Fuksías ajustou as suas calças.

– É uma pena ninguém saber o que fizemos, – disse o Fuksías e olhou para os seus amigos.

– Somos os heróis secretos, escondidos no meio da floresta! – pronunciou orgulhosamente o Djumbo.

– E não precisamos de fama, ela dá tanto trabalho, – acrescentou o Chupías, – entrevistas a jornais, autógrafos, um mar de fãs...

– Sim, é melhor para os gânicos permanecerem desconhecidos para os humanos. Pelo menos por agora, – concordou o Fuksías. – Então, meus irmãos, vamos começar a nossa busca pelo tesouro perdido?

O Djumbo e o Chupías acenaram com a cabeça de acordo e começaram a inspeccionar o local de repouso humano, como vinham fazendo há anos. O Fuksías encontrou um pirulito no meio da relva, tirou-o do seu invólucro, tentando não fazer barulho, e começou a lambê-lo secretamente, esborrachando-se de prazer.

FIM